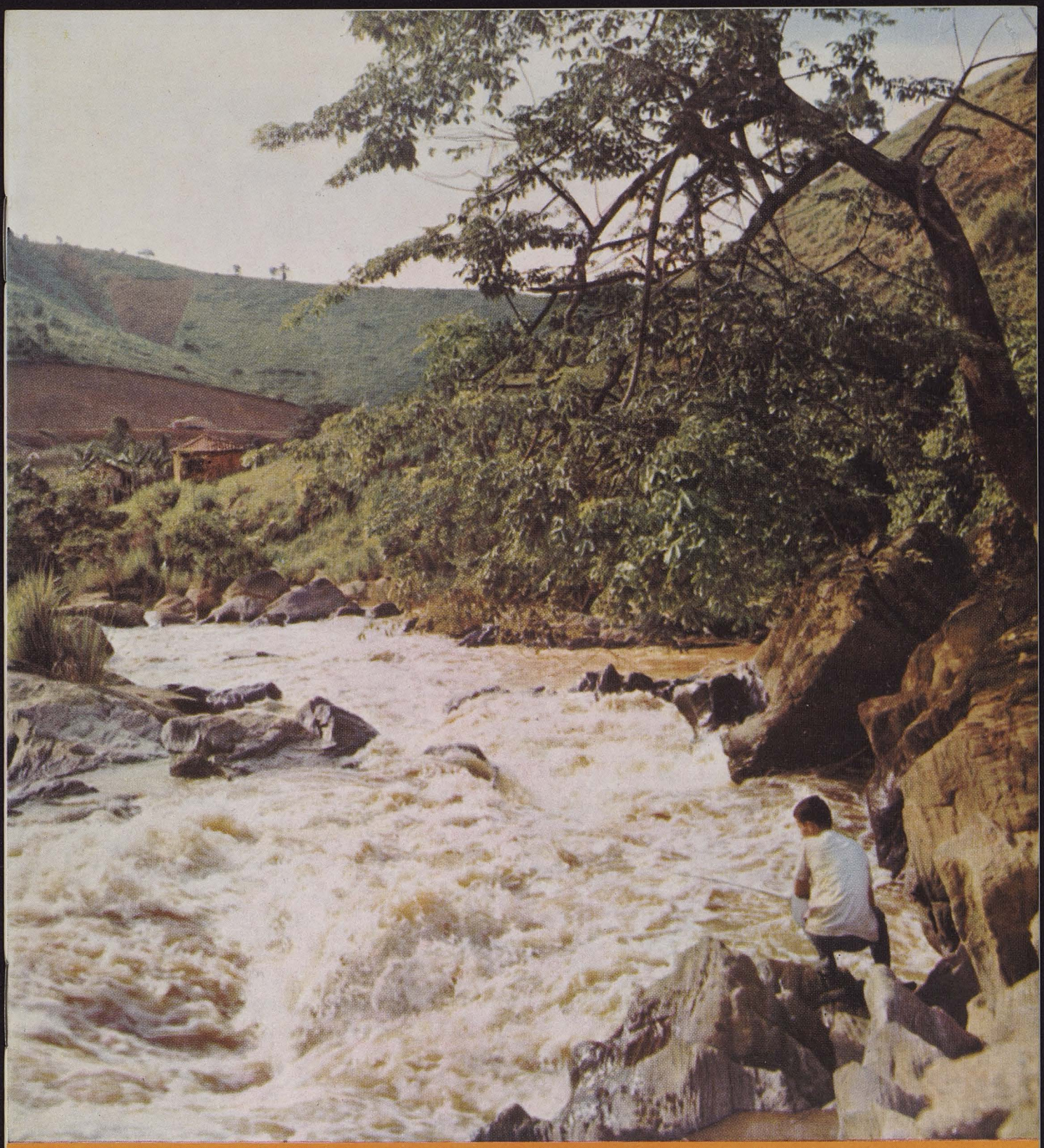


A LIAHONA

Maio de 1966

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
RUA AFONSO BRAZ, 464 CJ. 31
SÃO PAULO, BRASIL

São Paulo, maio de 1966.

Prezados irmãos:

Comunicamos que, desde abril p.p., acha-se instalado no endereço acima, o escritório do Centro Editorial Brasileiro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Êsse centro, recentemente criado pelo Bispado Presidente, tem a incumbência de editar e distribuir tôda a literatura da Igreja impressa em língua portuguêsa.

Dessa forma, os pedidos de literatura, anteriormente encaminhados ao almoxarifado de ambas as missões, doravante deverão ser enviados ao nosso nôvo endereço.

Se quiser fazer algum pedido, fale com o presidente do seu ramo, pois o mesmo lhe dará tôdas as informações que necessitar.

Teremos muito prazer de receber a visita dos irmãos. Venha conhecer o seu Centro Editorial Brasileiro!

A LIAHONA

Editor:
Hélio da Rocha Camargo

Redatôra:
Laís N. Manzotti

Fotógrafos:
Wayne M. Beck
Rui Marques Bronze

Tradutores:
Isabel Peixoto Gaertner
José Vieira Neto
Merly Pikel
Mirna Teixeira
Regina Kauag
Tereza Cristina da Rocha Costa

*

A Revista *A Liahona*, editada pelo *Centro Editorial Brasileiro*, é o órgão oficial em língua portuguêsa das missões brasileiras de *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. Acha-se registrada sob número 93 do Livro B, nº 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto nº 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Editôra Gráfica Rossolillo Ltda. — Rua Rui Barbosa, 333, São Paulo.

*

Centro Editorial Brasileiro: R. Afonso Braz, 464, 3º, cj. 31 — São Paulo, SP.
Missão Brasileira: R. Henrique Monteiro, 215 — C.P. 862, São Paulo, SP. — fone 80-4638.
Missão Brasileira do Sul: R. General Carneiro, 490 — C.P. 778, Curitiba — PR — fone 4-8016.

*

Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era, The Instructor, The Relief Society Magazine* e *The Children's Friend*.

*

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pelo editor.

*

PREÇOS:

Exterior: Ano	US$	4.00
Brasil: Ano	Cr$	3.000
Exemplar:	Cr$	300

MAIO DE 1966 — VOL. XX — N.º 5

Nossa capa: fotografia tirada pelo Irmão Milton Soares, Presidente do Distrito de Recife, no percurso de sua última viagem a São Paulo.

Maternidade 7
Através dêste artigo verificamos que a maternidade é muito mais do que dar à luz um filho. Significa cuidar, alimentar, educar...

A velha Éfeso de hoje 8
O que teria restado de Éfeso, uma das mais importantes cidades de outrora?

Mães, ocupa vosso amor o devido lugar? 22
O amor pode ser mal interpretado: às vêzes torna-se dominador e egoísta. Mas êste não é o verdadeiro amor, pois se o fôsse, manifestar-se-ia de modo altruístico.

O expedicionário da paz 25
A esperança única de harmonia e entendimento entre os homens não reside na paz armada...

SEÇÕES

Mensagem de Inspiração 4
Sacerdócio de Melquisedeque 11
Escola Dominical 12
Página Feminina 14
Meu Cantinho 16
Juventude da Promessa 18
Jóias do Pensamento 24
Sacerdócio Aarônico 26
Programa Noite Familiar 27

Por causa do profundo significado do discurso do Presidente McKay na abertura da conferência geral de outubro de 1965, com sua permissão, apresentamo-lo êste mês na Mensagem de Inspiração.

O Livre Arbítrio do Homem

Pres. David O. McKay

Irmãos e irmãs: É realmente um prazer estar com vocês outra vez. Quero aproveitar a oportunidade para dizer-lhes quão grato estou pela sua solicitude, fé e orações. Deus abençôe a cada um de vocês, pela sua integridade e devoção no trabalho do Senhor! É uma honra e uma alegria sem fim estar ligado a vocês através da Igreja de Jesus Cristo.

Somos gratos pelas bênçãos do Senhor à sua Igreja em todo o mundo, pela certeza de sua divina orientação e inspiração. Com gratidão imensa, reconhecemos na presença de vocês a proximidade e bondade do Senhor, e nesse espírito de gratidão proclamamos que nossas almas respondem em harmonia com a gloriosa visão do profeta Joseph Smith:

"Ouvi, ó céus, e dai ouvidos, ó terra, e regozijai-vos, vós habitantes dela, pois o Senhor é Deus, e fora d'Êle não há nenhum Salvador.

"Grande é a Sua sabedoria, maravilhosos os Seus caminhos, e a extensão das Suas obras ninguém pode descobrir.

"Pois assim diz o Senhor — Eu, o Senhor, sou misericordioso e afável para com aquêles que me temem, e Me deleito em honrar aquêles que Me servem em retidão e verdade até o fim." (Vide Doutrina e Convênios 76:1-2,5.)

Eu sinto profundamente minha incapacidade de expressar em palavras a mensagem que tenho em meu coração esta manhã. Oro sinceramente pela sua ajuda e assistência, especialmente para ter a inspiração do Senhor, a fim de que sintamos Sua presença durante esta sessão de abertura da conferência. Estou contentíssimo de ver as entradas repletas de ouvintes interessados. É uma visão que todos deveríamos guardar em nossos corações, pois é a manifestação daqueles que amam o Senhor e guardam seus mandamentos.

Não posso deixar de pensar no fato de que há duas grandes fôrças no mundo, muito mais potentes que antes, cada qual mais determinada a alcançar maior sucesso em seus planos e, por isso mesmo, apresentando-se mais engenhosas do que nunca.

Essas duas grandes fôrças são o ÓDIO e o AMOR. O ódio teve sua origem na pré-existência. Há uma referência significativa em Apocalípse, "uma guerra no céu." Não só é significativa, mas aparentemente contraditória, pois pensamos no céu como um lugar onde habita a felicidade, condição impossível para uma guerra ou contenda existir. A passagem é importante porque implica na liberdade de escôlha e de ação no mundo espiritual. Na Pérola de Grande Valor, temos esta declaração: "Portanto, por causa de Satanás ter-se rebelado contra mim e ter procurado destruir o livre arbítrio do homem, que Eu, o Senhor Deus, lhe tinha dado, e também por querer que Eu lhe desse o Meu próprio poder, fiz com que êle fôsse expulso pelo poder do Meu Unigênito.

"E êle se tornou Satanás, o próprio diabo, o pai de tôdas as mentiras, para enganar e cegar os homens e levá-los cativos à sua vontade, a todos quantos não ouvirem Minha voz." (Moisés 4:3-4.)

Notamos dois pontos nesta passagem: um, que Satanás estava disposto a destruir o livre arbítrio do homem. O livre arbítrio do homem é um dom de Deus. É parte de Sua divindade. O segundo ponto é que êle desejava tomar o lugar de Deus, como está escrito em Moisés 4:1: "Dá-me a Tua honra."

O mundo não compreende o significado dêsse divino dom do indivíduo. Êle é tão inerente ao homem quanto a inteligência que, como sabemos, nunca foi nem pode ser criada.

No espírito de ódio, como é manifestado hoje no mundo, a existência de Deus é negada, o livre arbítrio do homem lhe é usurpado, e o poder do Estado é suplantado. Não sei se houve época na história da humanidade em que o Malígno parecesse tão determinado a destruir a liberdade do homem.

Um dos princípios fundamentais do evangelho é o livre arbítrio e as referências nas escrituras mostram que êste princípio (1) é essencial à salvação do homem, e (2) pode tornar-se uma varinha mágica, através da qual as ações dos homens, das organizações e nações poderão ser julgadas.

"Entretanto," as escrituras nos dizem, "reanimai, pois, vossos corações e lembrai-vos de que estais livres para agir por vós mesmos; para escolher o caminho da morte eterna ou o da vida eterna." (2 Nefi 10:23.)

"Pois a terra está repleta, e há bastante e até de sobra; sim, Eu preparei tôdas as coisas, e permiti que os filhos dos homens fôssem os seus próprios árbitros." (D&C 104:17.)

"Portanto não é justo que um homem seja escravo de outro.

"E com êsse propósito estabeleci, pelas mãos de homens sábios que ergui para êsse mesmo fim, a Constituição da terra, e redimi a terra pelo derramamento de sangue." (Idem 101:79-80.)

"Minha independência é sagrada para mim," disse Brigham Young, "é uma porção daquela mesma Deidade que governa os céus. Não há um ser sôbre a face da terra, feito à imagem de Deus, reto e organizado como Deus, que seja privado do livre exercício de seu arbítrio, a menos que infrinja o direito dos outros." (Discourses of Brigham Young, edição de 1943, pág. 62.)

A história do mundo, com tôdas as suas contendas e lutas é uma grande demonstração dos esforços do homem para libertar-se da escravidão e da usurpação.

O livre arbítrio do homem é um eterno princípio de progresso, e qualquer forma de govêrno que priva ou inibe o seu livre exercício está errada. O plano de Satanás, no começo, era o da coerção, e foi rejeitado porque êle procurou destruir o livre arbítrio que Deus havia conferido ao homem.

Quando o homem usa êsse direito dado por Deus para ir além dos limites do direito de outrem, comete um crime. A liberdade torna-se um abuso, e o homem um transgressor. É função do estado castigar o violador e proteger o indivíduo.

Além da concessão da própria vida, o direito de dirigí-la é o maior dom de Deus concedido aos homens. Liberdade de escôlha tem muito mais valor que qualquer tesouro na terra. É essencial ao espírito do homem. É um dom divino que todos os indivíduos normais possuem. Seja nascido em grande miséria e privações ou possuindo herança de riquezas imensas, todos têm o dote mais precioso da vida — o dom do livre arbítrio, um direito inalienável e intrínseco ao homem.

É a fôrça impulsionadora do progresso espiritual do homem.

É propósito de Deus que o homem se torne como Êle. A fim de que o mesmo pudesse conseguir isso, foi necessário que o Criador o libertasse primeiro.

O homem tem um dote especial, que não foi conferido a nenhum outro vivente. Deus deu-lhe o direito de escôlha. Sòmente ao ser humano disse o Criador: "... poderás escolher segundo tua vontade porque te é dado; ..." (Moisés 3:17.) Sem êste divino direito de escôlha, a humanidade não poderia progredir.

Com o livre arbítrio, porém, vem a responsabilidade. Se o homem deve ser recompensado por sua retidão e punido pelo pecado, então, a justiça imparcial requer que êle tenha a liberdade de ação.

O conhecimento do bem e do mal é indispensável ao progresso do homem na terra. Se fôsse compelido a fazer sòmente o bem ou impelido a cometer pecado, não mereceria bênção pelo primeiro ato nem punição pelo segundo.

A responsabilidade do homem é correspondente ao seu livre arbítrio. As ações em harmonia com a lei divina e com as leis da natureza trarão felicidade, entretanto, a miséria também virá aos que se opuserem às verdades divinas. O homem é responsável, não sòmente por cada uma de suas ações, mas também por tôda palavra ou pensamento vão.

A liberdade e a responsabilidade, associadas, são os aspectos fundamentais dos ensinamentos de Jesus. Durante seu ministério, êle deu ênfase ao valor do indivíduo e exemplificou o que é agora expresso nas revelações modernas. "Sua obra e Sua glória" (Moisés 1:39). Sòmente através do divino dom da liberdade espiritual torna-se possível tal progresso.

A fôrça governa o mundo de hoje. A liberdade do indivíduo é ameaçada por rivalidades internacionais e falsos ideais políticos. Certas legislações insensatas, muitas vêzes sugeridas pelos políticos, se aprovadas, corroem o direito do livre arbítrio do homem, roubam-lhe o direito de liberdade, e fazem-no um dente insignificante na engrenagem da arregimentação.

Embora não seja um pensamento agradável, devemos compreender que mais da metade do mundo está sob a influência do ódio, como foi manifestado pelos líderes chineses, pelos grupos comunistas da Rússia, e por outros bem perto de nós, em Cuba. Acompanhar o espírito do ódio é negar a existência de Deus. Satanás foi expulso porque tentou tomar o lugar do Criador. Mas sua fôrça ainda se manifesta. Êle é ativo e está agora induzindo a negação da existência de Deus, da existência de Seu Filho Amado, e negando a eficácia do evangelho de Jesus Cristo.

Há algum tempo atrás, uma agência noticiosa americana relatou certos acontecimentos que estavam se dando na China para mudar a mentalidade dos homens de uma nação de mais de 600 milhões de habitantes, cujas mentalidades e cujos corações têm sido transformados completamente pelo espírito do ódio. Há 45 ou 50 anos atrás havia um espírito de tolerância e respeito pelos americanos. Numa escola de Pequim, dirigida por americanos, eu vi pessoalmente alguns dos mais ativos jovens ginasianos que jamais vira em minha vida. Não vi maior cortesia em outro país. Agora tudo aquilo está mudado. Eis um relato feito pela agência citada:

"Há mais ou menos uma década, a recém-criada República Popular da China atirou sua sombra vermelha numa Ásia alarmada.

Hoje, aquela grande sombra ganhou metade do caminho até a América. Ninguém pode dizer com certeza onde isto vai parar... Em seu sexagésimo ano de existência, Mao Tsé Tung, êsse homem de rosto redondo, filho de camponêses, tem sido considerado por seus seguidores comunistas como um semi-Deus. Suas palavras, ações, e mesmo seus pensamentos, são escritos sagrados de 630 milhões de pessoas. Êle é um dos mais poderosos homens na terra e muito do seu poder é baseado nesta debilitante emoção humana — o ódio. Ódio aos Estados Unidos, ao proprietários ricos, aos contra-revolucionários, a Chiang Kai-Shek, ódio a todos aquêles que não se querem submeter. O ódio, disse um viajante recém-chegado da China de Mao, tornou-se uma instituição, particularmente o ódio aos Estados Unidos. É horrível ver esta vasta maquinaria humana continuar a trabalhar sòmente com um combustível — ÓDIO! Se êles usassem o amor em seu lugar, ela poderia ser a nação mais poderosa da terra." (Associated Press, publicado no jornal The Salt Lake Tribune, domingo, dia 11 de dezembro de 1960.)

No espírito do ódio, êstes homens tentam suplantar a Deus. No mesmo espírito êles negam a sua existência e a existência de seu Filho Unigênito. Êles querem destruir o livre arbítrio do homem. Aqui, no espírito do amor, nós louvamos seu nome e ensinamos seus preceitos a tôdas as pessoas.

Por enquanto, consideremos Jesus como um homem de amor. Êle honrou e adorou a Deus e Êle próprio é honrado e adorado por tôdas as nações cristãs e por tôdas as classes de indivíduos. "Quaisquer que sejam as surprêsas do futuro," escreveu Renan, "Jesus nunca será sobrepujado."

Milhões de pessoas falando línguas diferentes e aspirando diferentes ideais o veneram e adoram hoje. Nós o honramos e respeitamos porque sua sabedoria e espiritualidade compreende e excede a de todos. Jesus foi aquêle que disse "Eu sou a luz do mundo: aquêle que me segue não

andará nas trevas, pelo contrário, terá a luz da vida." (João 8:12.) Também disse aos discípulos, "... eu vos dei um exemplo, para que, como vos fiz, façais vós também." (Idem 13:15.)

No espírito do amor consideremos, primeiramente, a atitude de Jesus com relação a Deus. Esta é a grande pergunta diante do mundo de hoje. Os comunistas o negam, Mao o ridiculariza, e êles têm feito milhões de mentes desavisadas ficarem contra os ensinamentos de Cristo.

E quanto à manifestação de Jesus na carne? No anúncio de seu nascimento, a hoste celestial cantou "Glória a Deus nas maiores alturas, paz na terra, e boa vontade para com os homens." (Lucas 2:14.) Nesta mensagem há divindade, paz e irmandade. A divindade foi exemplificada a cada momento de sua existência terrena. Nas margens do Jordão, no começo de seu ministério, ouvimo-lo dizer a João: "Deixa por enquanto, porque assim convém cumprir tôda a justiça." (Mat. 3:15)

No monte da tentação, que se eleva logo acima do Jordão, onde Jesus fôra batizado, foi tentado por aquêle que desejara tomar o lugar de Deus. Êle foi tentado com tôdas as coisas da terra e o poder procedente dela. E ouvimos Jesus dizer em sublime majestade: "Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a Êle darás culto" (Idem 4:10).

Quando Êle ensinou a seus discípulos como orar, incluiu o Senhor na primeira petição — "Santificado seja o Teu nome" (Idem 6:9.)

Êste é o espírito de amor, o espírito da fé em Deus, o Criador do céu e da terra através de Seu Filho Amado. Deus é adorado pelo Seu Filho Unigênito.

Mas, e com respeito à paz?

A paz foi definida como um estado natural de felicidade, a "primeira das bênçãos humanas." Sem ela não pode haver felicidade, e "Felicidade," disse o Profeta Joseph Smith "é o objetivo e intento de nossa existência; e será a nossa continuação, se seguirmos o caminho que nos conduz a ela; ..." (Teachings of the Prophet Joseph Smith, pág. 255.)

Jesus disse, "... No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo." (João 16:33.) Na mesma ocasião Êle disse, "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração e nem se atemorize." (Idem 14:27.) Durante tôda sua vida, a paz estava em seus lábios e em seu coração, e quando Êle saiu do sepulcro e apareceu aos discípulos, a primeira palavra que saiu de seus lábios, foi, "Paz seja convosco!..." (Idem 20:21.)

A paz, como ensinada pelo Salvador, é isenção das dificuldades do indivíduo, das brigas em família, problemas e tumultos das nações. A paz refere-se tanto ao indivíduo como às comunidades. O homem não terá paz se não fôr verdadeiro para com o sussurro de Cristo — a inspiração de sua mente. Êle não poderá estar em paz se não fôr verdadeiro consigo mesmo; transgredirá a lei da retidão, mesmo tratando-se dêle próprio, viciando-se nas paixões, cedendo às tentações da carne.

A paz não vem ao transgressor da lei. A paz vem pela obediência à lei, e é a mensagem que Cristo quer que estabeleçamos entre os homens — paz ao indivíduo que esteja em paz com seu Deus, existindo perfeita harmonia entre êle e o Criador; harmonia entre êle e a lei, a cujas leis de justiça êle está sujeito e das quais não pode escapar; paz no lar, os familiares vivendo em paz uns com os outros e com seus vizinhos. E ainda há gente que diz que seus ensinamentos não mais se aplicam hoje em dia!

Há alguns anos atrás, houve um rapaz que o viu, que o ouviu e recebeu seus ensinamentos. Joseph Smith viu o Redentor, e deu testemunho disso ao mundo, registrou sua mensagem e outra vez deu ênfase à eterna verdade de que os ensinamentos de Cristo são divinos e tão aplicáveis ao povo de hoje quanto ao povo que caminhou e falou com êle.

Em todos seus ensinamentos, Jesus Cristo condenou o crime do pensamento errôneo. Condenou veementemente a avareza, a inimizade, o ódio, o ciúmes e também o resultado que êsses sentimentos produzem.

A moderna psicologia, como todos os estudiosos sabem, prova a virtude de tais ensinamentos, concernentes ao prejuízo que se segue ao sentimento de ódio. Aquêle que acumula ódio e amargura prejudica-se a si mesmo mais do que à pessoa a quem manifesta êsses sentimentos.

Igualmente aplicáveis à vida atual, são os seus ensinamentos, relativos ao valor e santidade da vida humana, a virtude do perdão, a necessidade de procedimentos justos, o crime da hipocrisia, o pecado da cobiça.

Se os homens rejeitarem o fato de que Cristo é nosso Senhor e Salvador e encherem suas almas de ódio, como aquela nação de 630 milhões de habitantes está sendo compelida a fazer, não só negarão a Cristo, mas negarão que sua missão é redimir o homem de sua sórdida vida de egoísmo, indulgência e pecado e elevá-lo a um domínio sòmente mostrado por êle através do sacrifício próprio, da generosidade, beleza e amor; se a maioria das nações falhar em reconhecer Cristo como o único "nome dado, entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos." (Atos 4:12); se os homens duvidosos rejeitarem a possibilidade de conseguir a certeza sôbre Cristo, manifestada por Tomé, quando declarou reverentemente, "Senhor meu e Deus meu!" (João 20:28); se os atos dos homens estiverem de acôrdo com tal rejeição, ao invés de aceitá-lo como o Ser Divino, êste mundo continuará a ser assolado pela contenda, tornar-se-á miserável devido às operações bélicas e naufragará ignominiosamente nas praias do materialismo, indulgência, descrença e ódio.

Sem Jesus de Nazaré, o Cristo Crucificado, o Senhor Ressuscitado, os jugos selvagens manterão a humanidade em cativeiro.

Concluindo, é obrigação e dever da Igreja de Jesus Cristo proclamar a poderosa verdade de que o homem da Galiléia é verdadeiramente o Caminho, a Verdade e a Vida — e é realmente o Salvador de tôda a humanidade.

Esforços mesquinhos e planos sinistros estão sendo encorajados, secreta e astutamente, para privar o homem de sua liberdade individual e fazê-lo viver uma vida selvagem. Com fé na palavra revelada de Deus, deixemos os que crêem na liberdade individual apreciarem os ideais de Cristo, sempre lutando e fazendo com que o sonho de todos os homens, de serem livres, transforme-se em uma realidade e que algum dia tôdas as nações estejam unidas, não para a guerra, mas para a paz e estabelecimento do reino de Deus na terra. Que isto possa, bem logo, ser uma realidade e que os homens lutem para que isto seja possível, eu humildemente oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

MATERNIDADE

PRESIDENTE
WAYNE M. BECK

Seguidamente diante da congregação, eu dou a definição de maternidade. Procuro expressar em poucas palavras o que isso é, porém qualquer palavra que eu escolha se revela ainda fria e inadequada.

Maternidade, para mim, é algo cálido e pessoal: é multidão de experiências da vida. Por ser algo tão cálido e pessoal, eu devo referir-me a ela assim: Minha própria existência eu devo à decisão de uma excelente mãe que consentiu em conceber e dar à luz um filho. É interessante observar que o ato mesmo da maternidade tem início na estreita intimidade do corpo materno com o nascituro.

Principiei a apreciar isso, como observador externo, ao acompanhar o processo inicial da vida pelas experiências da minha própria vida. A antecipação de uma nova vida é partilhada entre marido, espôsa e família.

A realidade de uma experiência íntima da mãe, por saber que tem dentro de si uma vida, dá-lhe brilho aos olhos e ilumina-lhe a fisionomia. O pêso de um nôvo ser aumenta com o progresso da gestação e a mãe, num supremo e enérgico esfôrço concebe e o milagre da vida produz-se.

Isso não é ainda a maternidade completa, é apenas o princípio. Não importa quão profundamente a mãe tenha dormido antes, ela inicia logo após o parto uma leve madorna. Tendo o bêrço do recém-nascido próximo ao seu lugar de repouso, ela cautelosamente observa todos os movimentos do filhinho, levantando-se seguidamente para certificar-se se a respiração dêle é normal, se as cobertas estão no lugar ou se o bebê dorme profundamente.

Nas semanas seguintes, faz uma vigília de vinte e quatro horas, promovendo o confôrto e a alimentação do seu pequeno ser.

Lembro-me quando Gary, o nosso primogênito, teve espasmos do pilôro. Era necessário alimentá-lo cada três horas, e quase em seguida, êle vomitava tudo que lhe dávamos. Nós o pesávamos tôdas as manhãs, para nos certificarmos de que não estava perdendo pêso. Durante o período de três meses de aflição, sua ansiosa mãe acompanhou-lhe todos os movimentos, ficando esperançosa com o mínimo sinal de melhora.

Lembro-me quando, ainda rapazinho, tive sarampo. A febre subiu tanto enquanto eu guardava o leito, que o teto parecia virar em círculos. Minha mãe refrescava meu corpo e minha cabeça com panos molhados, para fazer baixar a temperatura. Às vêzes ela era chamada para atender os seus afazeres de dona de casa ou para cuidar dos outros filhos. Quando, porém, eu chamava "mamãe," ela vinha imediatamente.

Durante os anos de crescimento, penso que uma das coisas mais difíceis para a mãe é retirar suas mãos protetoras do filho e deixar que êle se dirija por si mesmo, siga suas próprias inclinações, de maneira que possa distinguir o certo do errado e se torne forte.

Isso começa na época em que as crianças estão aprendendo a comer e têm dificuldade de encontrar a bôca, continua no tempo em que a mão é retirada e os primeiros passos são tentados, acompanhados de quedas inevitáveis, quando a rebelião da juventude contra a autoridade dos pais traz o sofrimento da recusa, e vai até o tempo em que o filho deixa o lar e inicia sua própria vida. Nessa época a mãe é completamente eliminada de sua vida, salvo numa lembrança rápida e ocasional.

Vejo claramente a preocupação das mães na avalanche de cartas que chegam à Missão para os rapazes longe do lar.

Seguidamente e sob qualquer pretexto, os rapazes me procuram após terem recebido cartas da família, para trocarem impressões comigo. Suponho que uma das tarefas mais desagradáveis é quando sou obrigado a comunicar aos pais distantes, a doença de um filho ou de uma filha, ou o que é ainda mais penoso, quando tenho de comunicar qualquer transgressão.

Mui seguidamente observamos jovens mórmons num festival de teatro ou crianças fazendo discursinhos na Escola Dominical. Vocês terão, por acaso, dado uma olhada para observar a mãe? Há pouco tempo, no Rio de Janeiro, uma das meninas do Presidente João Dias recitou uma poesia sôbre seu pai. Ela o fêz belamente e eu pude observar a mãe e a avó, em pé, a seu lado, repetindo, palavra por palavra, o que ela dizia. Com certeza essas duas boas mães aprenderam a poesia bem antes da meninazinha.

Quando os nossos rapazes estão longe de casa, quão seguidamente eu ouço frases assim: "Gostaria de saber se êles estão bem," "Gostaria de saber se está fazendo frio onde êles estão," "Gostaria de saber se há mosquitos onde êles estão," "Que poderíamos mandar-lhes para evitar que os mosquitos os incomodem?" "Estarão êles precisando de um suéter ou de um agasalho mais quente?" "Gostaria de saber se êle está trabalhando muito," "Gostaria de saber se êle está se alimentando bem e está cuidando da saúde."

Tenho cartas de pais que não recebem cartas dos filhos em missão. Atribuem o fato a extravio, à doença ou a alguma outra infelicidade. Justificativas paternas, de que o filho talvez tenha esquecido do "velho" ou do lar, mas que certamente não poderia deixar de escrever por haver se esquecido da mãe. Não, raciocina o pai, depois de tudo o que ela fêz, é impossível que êle não se lembre de sua mãe.

Colunas de mármore e pedras empilhadas: tudo o que resta da Igreja de São João.

A VELHA ÉFESO DE HOJE

Mark E. Petersen

Éfeso — o centro da antiga Ásia Menor — é uma ruína hoje em dia, mas possui uma mensagem para a humanidade.

Aqui e acolá, um pilar ainda permanece em pé e ocasionalmente alguma parede. Embora consideràvelmente estragadas pelo uso e pelo tempo, lindas ruas de mármore permanecem como eram antigamente.

Os condutos de água, muito semelhantes aos das cidades modernas, ainda estão em evidência. Os remanescentes dos templos e anfiteatros podem ser vistos, bem como as lendárias vias de acesso ao mar, agora cobertas pelo limo e sujeira de um delta de rio, alí acumulados durante séculos.

Tudo permanece em mudo testemunho da grandeza do passado. Éfeso outrora foi o orgulho de todo o Oriente Médio.

Foi lá que Diana, conhecida como a grande Artemis, governou a vida do povo com sua poderosa riqueza e encanto físico.

Não é de se admirar, ao se ler a história de Diana e seus cultos, que os artesãos perseguiram Paulo e consideraram sua profissão em perigo, por causa dos ensinamentos do apóstolo.

Diana e Paulo estavam em extremos opostos. Nada do que Diana representava poderia ser aprovado por Paulo. Tudo o que Paulo ensinou contradizia a religião pagã de Diana. Nada havia em comum, entre os castos princípios que o apóstolo ensinava aos gentios, e os cultos luxuriosos praticados pela assim chamada deusa da fertilidade.

Mas, com tôda a riqueza e poder, Diana hoje está esquecida e Éfeso, sua cidade, nada mais é do que uma coleção de ruínas, visitada por turistas e mascates, os quais procuram ganhar o pão vendendo algumas relíquias.

Mesmo destruída, Éfeso ainda fala e sua mensagem traz écos importantes, se bem que silenciosos, dos primeiros líderes cristãos que tiveram a coragem de alí pregar.

Paulo estêve em Éfeso, não há dúvidas quanto a isso. Mas também lá estiveram Timóteo, Lucas e João, o Revelador. Há razões de se supor que também Maria, a mãe de Cristo, tenha estado nessa cidade, depois de haver fugido de Jerusalém, alí permanecendo até seus últimos dias de vida. Éfeso possui muitas atrações para interessar e desafiar os atuais estudiosos de religião.

Um dos lugares mais interessantes é a chamada "igreja dupla," ou como hoje é conhecida, Igreja de Santa Maria. Foi e é um lugar fabuloso. Pode-se ver, ainda, as paredes a três metros acima do solo em certas partes, embora bastante cobertas pela terra, em outros lugares. Tais paredes foram feitas de tijolos, em estilo romano. A construção dá a impressão de duas igrejas, erguidas lado a lado, com uma pequena abertura entre si. Ambas estendem-se a uma distância de 21 metros, sendo que sua largura é de aproximadamente 6 metros.

Nosso guia, um rapaz turco graduado pela Universidade de Oxford, Inglaterra, teve o cuidado de mostrar-nos tôda a igreja. Levou-nos a uma sala bem grande, no extremo da construção, onde algumas paredes ainda achavam-se em pé.

No centro dessa sala, existe uma cobertura circular no desgastado chão de mármore. É uma abertura curiosa, de cêrca de 1,20 metros de profundidade por 2,20 metros de diâmetro. Havia, também, alguns degraus, que davam para o fundo da referida abertura. Tanto os degraus quanto a abertura são revestidos de mármore, atualmente quase todo fragmentado. No fundo há um escoadouro que se liga ao esgôto, o que era característico nessa cidade. Perguntamos ao guia o que isso poderia ser.

"Outrora foi uma fonte batismal," respondeu prontamente.

"Mas naqueles tempos os batismos não eram feitos por aspersão?" perguntamos.

"Certamente que não. Todos os batismos, na época, foram feitos por imersão. Isto era uma fonte. Através dêstes degraus os conversos eram conduzidos à água, para o batismo de imersão, o único conhecido pelos cristãos primitivos."

Depois o guia disse-nos que a capela havia sido construída no ano de 351 A.D. e que havia estado em uso por cêrca de, pelo menos, um século antes de ser destruída.

Batismo por imersão em 351 A.D. e mesmo depois! A fonte fôra construída naquele ano e usada por longo tempo. Evidência muda... mas convincente!

Mostrando-nos outra direção, o guia levou-nos à Igreja de São João, ou como a chamava, a ruína da mais bela estrutura de mármore.

Certamente aquêle edifício havia sido espaçoso e belo. Em determinada parte do piso de mármore branco, existia outra abertura, entretanto, era diferente daquela localizada na capela de Santa Maria. Tinha forma de cruz, mas havia um círculo no centro, com degraus.

"Outra fonte batismal," informou o guia.

"Mas com a forma de cruz?" perguntamos.

"Êste edifício foi erigido em 400 A.D. e destruído um século depois, por invasores que tomaram a cidade. Em 600 A.D., o prédio foi reconstruído e estas são as suas ruínas. Esta fonte data de 600 A.D. e, como vêem, naquela época começavam a usar o símbolo da cruz. Ainda batizavam por imersão, mas tornaram o sinal da cruz parte do ritual. Daí resultou a forma da fonte.

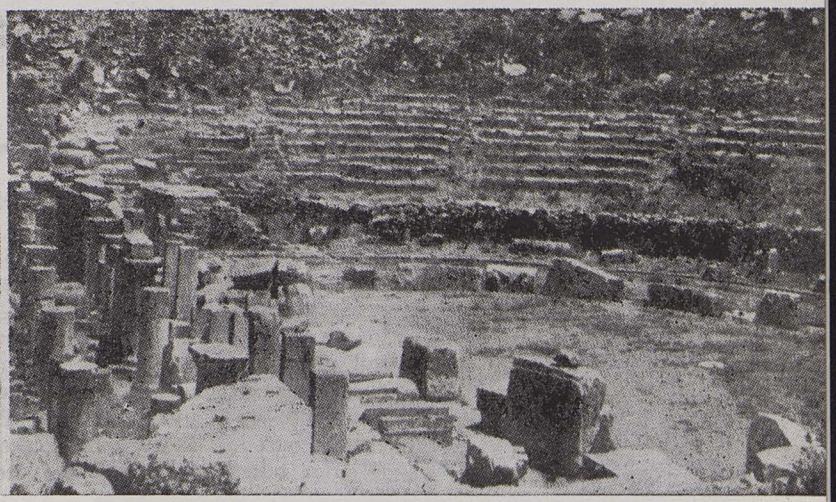
Novamente outra evidência: A imersão era o modo original de batismo.

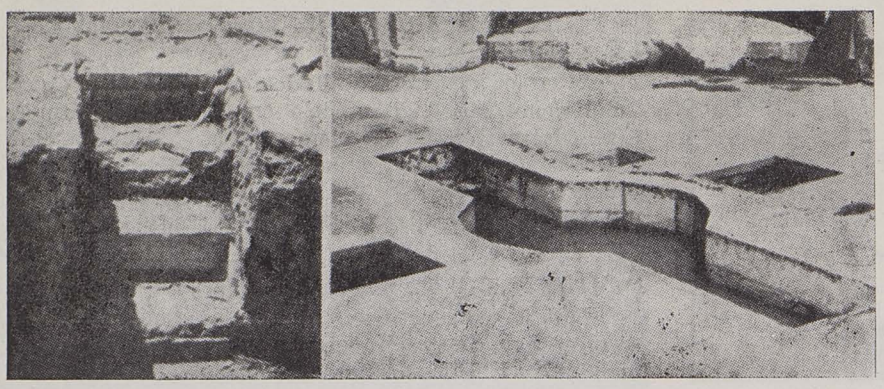
"Vocês gostariam de ver onde Maria viveu?" perguntou o guia.

"Certamente," foi nossa resposta.

Retornamos ao carro, afastando-nos mais ou menos dois quilômetros da cidade em ruínas e avistamos uma colina de consideráveis proporções.

Diz-se que Maria viveu nesta casa. Sòmente quietude e ruínas permanecem no anfiteatro de Êfeso.





Os degraus carcomidos são muda evidência dos batismos realizados. A fonte batismal da Igreja de São João, construída em 600 A.D., tinha forma de cruz.

No tôpo da mesma acha-se erigida uma pequena casa de pedras, cercada de árvores, com uma nascente ao lado. O guia explicou-nos que agora é usada como altar dos católicos romanos; disse também que o cristianismo não é permitido de forma nenhuma na Turquia. (Éfeso é agora parte da moderna Turquia, cêrca de 40 quilômetros de Esmirna.) Por estar a Turquia desenvolvendo o turismo e por ser tal sacrário de grande valor turístico é que o govêrno permite à Igreja Católica conservar o altar. Mas os sacerdotes encarregados de cuidar do mesmo não têm permissão de usar roupas religiosas e apresentam-se em roupas comuns aos hábitos do país.

Aproximamo-nos da casa e lá encontramos um sacerdote jovem e extremamente amável. Conduziu-nos para dentro da pequena construção, cujo interior assemelha-se bastante a uma igreja católica. Chegamos a um pequeno cômodo, à direita, na parte dianteira.

"Esta é a casa onde Maria morou. O piso é original; Maria andou sôbre estas pedras. Vêem a parte inferior desta parede?" Apontou-nos uma linha divisória, com cêrca de 90 cm de altura. "A parte inferior, que é original, data de 400 A.D. Os cristãos reconstruíram a casa, que havia caído. Tempos depois a casa reconstruída foi queimada," disse, mostrando-nos as partes enegrecidas da parede.

Perguntamos porque Maria encontrava-se em Éfeso.

O sacerdote explicou que Jesus, na cruz, pedira a João, o Amado, que cuidasse de sua mãe. Quando João precisou sair de Jerusalém, trouxe Maria consigo até Éfeso. Alí viveram por certo tempo Timóteo, Lucas e também Paulo. Naquela época havia uma comunidade cristã em Éfeso.

"João foi banido para a Ilha de Patmos, onde recebeu as revelações, mas Maria permaneceu na casa até sua morte," explicou o sacerdote.

Perguntamos quanto tempo João permanecera em Éfeso. O sacerdote explicou que é crença da Igreja Católica que João tenha permanecido alí até o ano de 105 A.D.

"Então êle viveu cêrca de 40 anos mais que Pedro?" perguntamos.

"Sim," respondeu o sacerdote. "Pedro foi crucificado pelos romanos em 64 A.D., aproximadamente, ou talvez 66 A.D. A data não está bem especificada."

"E João foi o único apóstolo sobrevivente, durante quarenta anos?" continuamos a perguntar.

"Sim. Êle prestou grandes serviços ao cristianismo, durante êsse tempo."

"E Éfeso foi seu quartel general, supomos."

"É verdade. João viajava e visitava muitos lugares."

Retornamos ao carro, de volta a Esmirna, pensando na história de João e de Maria.

Se João foi a autoridade presidente da Igreja durante quarenta anos depois da morte de Pedro, como dizem que Lino, Anacleto e Clemente lideraram a Igreja após Pedro?

João deve ter vivido muito mais que êles. E mesmo que não, será que presidiram sôbre João, o Bem-Amado?

E se João foi o único sobrevivente, a autoridade geral da Igreja e sua sede localizavam-se em Éfeso; como Roma pode dizer-se o bêrço do cristianismo?

Há muito que pensar. Continuamos nossa jornada, convencidos de que Éfeso possui uma mensagem para a humanidade, cujo conteúdo assevera a veracidade do mormonismo.

LIVROS DE HINOS

Acham-se à venda os novos hinos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Nessa nova edição, apresentamos, além de músicas já conhecidas, hinos inéditos no Brasil. O preço de cada exemplar é de três mil cruzeiros; os mesmos podem ser adquiridos nas côres: branco, cinza e verde. Se não puder vir pessoalmente ao Centro Editorial Brasileiro, mande um cheque visado, pagável na Praça de São Paulo, que teremos o máximo prazer em atendê-lo!

Sacerdócio de Melquisedeque

Mestres Familiares... Jogadores de Futebol?

Sabemos que o futebol é um jôgo esportivo entre 11 homens que atuam contra outros 11. Cada grupo tem por objetivo levar a pelota até o setor adversário e marcar tantos gols quantos puder, durante o espaço de 90 minutos de peleja (dividida em duas etapas de 45 minutos), ao mesmo tempo, tentando impedir que a equipe contrária consiga invadir seu campo com idêntica finalidade.

Cada equipe constitui-se de linha atacante e defensiva. Há também a linha intermediária, que prepara o jôgo de meio-campo.

É interessante observar-se os ataques e contra-ataques por parte de ambas as equipes, que procuram executar uma determinada tática de jôgo, com o fim de romper as barreiras para, assim, chegar à meta adversária colocando a "bola no barbante" e, apontando, por conseguinte, a equipe vencedora.

Na partida de futebol em que uma equipe com uma linha bem articulada joga contra uma defesa igualmente bem entrosada, parece não haver possibilidade de vitóra de qualquer lado e as equipes se revezam nos dribles e passes.

Certa vez, houve uma partida em que a equipe local começou a dominar o quadro visitante de tal modo, que segurou a bola precisamente 8 minutos consecutivos. Contudo, o beque adversário deu de cortar tôdas as investidas, tornando-se tão resistente para com a oposição, que esta começou a se cansar, relaxando um pouco o jôgo. Mais tarde, apesar das instruções do técnico, que desejava que os jogadores de seu time fizessem marcação cerrada, êstes começaram a abrir a defesa, perdendo a partida quase no final do 2.º tempo, quando os visitantes conseguiram investir, através da mudança de tática do quadro local. O seu centro-avante, percebendo o deslocamento das posições adversárias, passou a bola para o ponta-direita, o qual imediatamente lançou-a no fundo das rêdes, tento êste que lhes concedeu a vitória final.

Quando o ponta-direita entendeu a jogada do centro-avante, que por sua vez percebera a inesperada mudança de tática da defesa contrária, fêz uma "avaliação da situação" e aproveitou o instante. Êsse jogador arrematou triunfalmente a jogada, coroando de êxito os esforços de seu time.

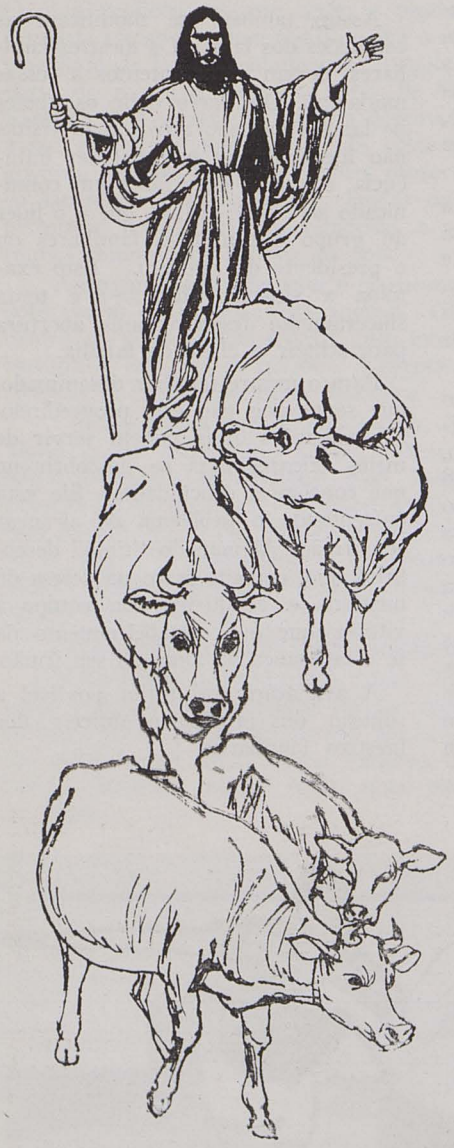
Assim também se modificam as condições dos lares. Os mestres-familiares devem estar atentos a essas mudanças. Dos lares onde os chefes de família não são ativos e as visitas não lhes parecem ter qualquer influência, é que se deve fazer um comunicado ao centro-avante, que é o líder do grupo dos mestres familiares ou o presidente do quórum. Êste examina a situação, discute-a e tenta sinceramente descobrir uma abertura para atingir o chefe de família.

Para o mestre familiar desanimado, que sente que não está progredindo, as avaliações orais podem servir de meios eficazes para se descobrir no que consiste a dificuldade. Êle está enfrentando o problema de alcançar seu irmão. Alguém do "time" descobrirá qual o ponto fraco na defesa do membro e conduzirá sua equipe à vitória, que é o restabelecimento da fé e esperança na alma de seu irmão.

A avaliação oral torna possível a solução dos problemas difíceis dos mestres familiares.

ESCOLA DOMINICAL

A HERANÇA



Reginald J. Lowe

Eis que, dois homens, tendo recebido cada qual um lindo jardim como herança, sentaram-se e olharam suas possessões, admirando o que haviam recebido.

Janthea, o primeiro, disse a si mesmo: "Amo êste jardim e amo aquêle que foi tão atencioso, que mo deu como herança. Serei feliz todos os meus dias."

Logo adormeceu e sonhou com seu tesouro e eis que, quando acordou, viu que uma grande sêca havia caído sôbre a terra e as flôres estavam murchando e morrendo.

E Janthea chorou: "Meu jardim está murcho e logo desaparecerá. Estou realmente infeliz. Não mais olharei para êle, até que venham as chuvas." Então retirou-se, lamentando sua perda.

Mas quando anoitecia, voltou, para ver se por acaso tudo não passara de um sonho. E eis que, enquanto havia estado afastado, vieram alguns animais e pisaram no que sobrara.

Dathan, o outro, sentara-se também para apreciar seu jardim, e disse a si mesmo: "Amo êste jardim e aquêle que mo deu como herança. Deus é bom."

Mas a sêca era terrível e também o jardim de Dathan começou a murchar. Meneando a cabeça, disse: "Quando virão as chuvas?"

Mas as chuvas não vieram e êle temia que seu jardim fenecesse.

Sendo um homem justo, Dathan ajoelhou-se no meio de seu jardim e orou, pedindo que viessem as chuvas. E, ao anoitecer, olhou para os céus, mas não havia nuvens. A chuva não veio e as fôlhas cairam, derrubadas pelo vento.

E vieram os animais, que pisaram as flôres, acabando com o que restava.

Dathan levantou-se, dirigiu-se para fora, para um lugar onde havia bastante água; viu o rio e disse: "É sabedoria de Deus colocar tanta água neste rio, mas ainda assim, meu jardim está fenecendo e a terra está rachando por causa da sêca." Depois, um grito saiu de sua garganta e Dathan correu até o jardim, trazendo ferramentas, com as quais pudesse cavar.

Ao voltar a segunda vez para o rio, eis que seu vizinho, Janthea, sentado no chão, com o rosto entre as mãos, lamentava-se. Dathan perguntou quais eram suas preocupações e Janthea gritou com alta voz suas aflições, dizendo: "Deus me abandonou, pois não manda as chuvas e meu jardim murcha e os animais pisam meu terreno."

E Dathan respondeu-lhe, dizendo: "Alegrai-vos, pois trago boas novas. Pois eis que orei e o Senhor enviou os animais ao meu jardim e quando os levava para fora, eis que vi um grande rio. Venha comigo, ajude-me e juntos cavaremos um desvio para que o rio possa trazer suas águas aos nossos jardins, para que novamente floresçam."

Mas Janthea não quis; levantou-se e partiu, dizendo, ao sair: "Amava meu jardim e amava aquêle que mo havia dado como herança. Amava a Deus mas Êle abandonou-me em minhas necessidades."

Quando Janthea foi-se, Dathan começou a cavar a terra ressequida; e depois de muitos dias a água desceu até seu jardim e tudo floresceu novamente, mais belo que antes; e Dathan agradeceu a Deus e continuou a cultivar a terra, plantou vinhas e figueiras em redor; e muitos vieram de longe para comprar suas frutas e admirar o esplendor que havia conseguido.

E Janthea vagueava pela terra e sua miséria era grande, pois não tinha mais casa e farrapos eram suas vestes. Mas quando ficou velho, Janthea lembrou-se novamente da terra de sua herança e disse: "Vou ver se por alguma chance as chuvas voltaram e meu jardim floresceu."

Mas, ao chegar perto, não viu cêrca ao redor, a terra estava ressequida e nada crescia ali.

E Janthea gritou com grande voz: "Ó, Senhor, porque me abandonaste? Eu amava êste jardim e amava aquêle que a mim presenteara com uma herança. Amava-te e andava em retidão perante ti e apesar disso, tu me abandonaste e minha terra perdeu-se."

Mas um homem que trabalhava ali perto, ouviu a voz, veio depressa e disse: "Por que te lamentas dessa maneira?"

E Janthea disse-lhe: "Eis que meu jardim, que me fôra dado como herança, não recebeu chuvas e os animais pisaram tôdas as flôres e nada sobrou."

Aquêle que lhe fizera a pergunta, não lhe respondeu, mas colocou seu braço em volta do ombro de Janthea e conduziu-o à sombra de uma figueira e disse-lhe: "Agora sei quem és. És Janthea. Lembras-te de mim?"

Janthea respondeu-lhe, dizendo: "Sim, lembro-me de ti e vejo que prosperaste e que tuas árvores estão pesadas de frutos. Sei também que tuas flôres estão lindas e que seu perfume aromatiza o ar. Verdadeiramente, Deus o abençoou com tôdas as coisas, mas Êle mesmo tirou-me tudo o que possuía."

Dathan olhou firmemente para Janthea, seu jardim, as roupas do homem e chorou. Janthea surprêso, perguntou: "Tu és abençoado; porque choras?"

Dathan respondeu: "Choro, não por mim, mas por causa da miséria que há em ti, pois mesmo que eu te desse meu próprio jardim, ainda nada terias."

Janthea disse: "Sim, pois o Senhor proibiu-me de prosperar na terra. Seria melhor se minha cabeça tivesse sido esmagada, em minha juventude."

Mas Dathan apontou o riacho que corria para seu jardim e falou, dizendo: "Lembras-te quando roguei-te que me ajudasses a cavar a terra, para que a água jorrasse em nossos jardins? Pois foi o que fiz sòzinho."

E Janthea exclamou, atônito: "Mas o Senhor não enviou chuva às tuas terras?"

E êle respondeu: "Não; eu orei e vieram os animais e quando os expulsava para fora, encontrei o rio; e o Senhor inspirou-me a cavar a terra, para que o rio chegasse até o jardim."

Janthea, irado, chorou, dizendo: "Agora sei que as escrituras não têm valor, pois está escrito: 'Se um homem amar a Deus, Êle não o abandonará'; agora vejo que Êle me abandonou."

E Dathan mandou que Janthea se calasse e falou-lhe, dizendo: "Deus foi bom para contigo, pois deu-te um jardim, como herança, como eu também recebí; e quando as chuvas não vieram e as flôres murcharam, o Senhor enviou os animais para guiarem-me ao rio; e Êle mostrou-me o que deveria fazer. Deus, em sua bondade, sabendo que teu jardim também iria perecer, enviou-te ao rio; e quando lá cheguei, encontrei-te lamentando a perda. Mas quando roguei que me auxiliasses, nada disseste, mas partiste; e nessa hora Satanás tomou-te, pois havias abandonado o Senhor. Quem és tu, para dizer como teu jardim reflorescerá? Pois está escrito: Do suor de seu rosto, viverá o homem."

E Janthea ajoelhou-se e chorou pedindo perdão ao Senhor; levantou-se e construiu uma cêrca ao redor de sua terra e trouxe água do rio, para que o jardim reflorescesse; e quando suas árvores deram frutos, disse: "Deus mostrou-me que o amor e a fé nada valem, se o homem não tiver caridade e boas obras. Abençoado seja o Senhor, pois mostrou-me o que fazer e agora, mesmo sendo velho, ainda poderei serví-lo na terra."

JÓIA SACRAMENTAL
para junho

Escola Dominical Sênior

"... todos os que se arrependerem e vierem a mim como criancinhas, eu os receberei, pois dos tais é o reino de Deus. Eis que por êstes dei minha vida e tomei-a de nôvo; por conseguinte, arrependei-vos e vinde a mim, ó vós, extremos da terra e salvai-vos!" (3 Néfi 9:22)

Escola Dominical Júnior

"Sim, em verdade vos digo que, se vierdes a mim, tereis vida eterna..." (3 Néfi 9:14)

Recitação em Conjunto

A ser apresentada dia 3 de julho:

Curso 5: "Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos e Êle endireitará as tuas veredas." (Prov. 3:5-6)

Curso 7: "E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança; e domine sôbre os peixes do mar, e sôbre as aves dos céus, e sôbre o gado e sôbre tôda a terra e sôbre todo o réptil que se move sôbre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou." (Gen. 1:26-27)

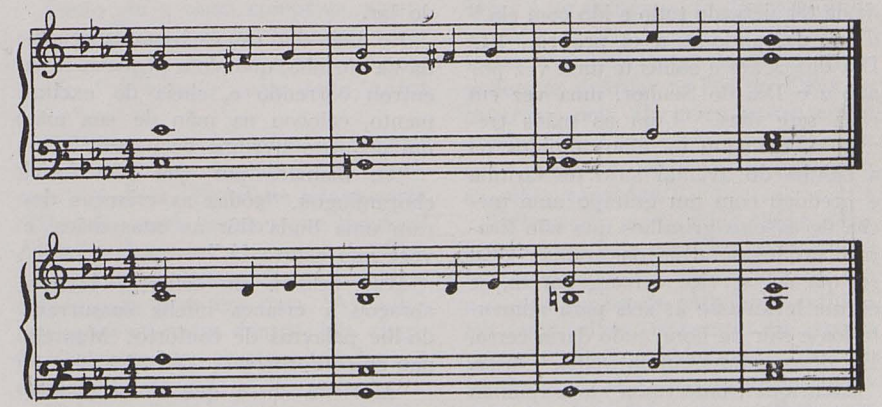
HINOS DE ENSAIO
para junho

Escola Dominical Sênior

"De Sião cantai os hinos", n.º 112.

Escola Dominical Júnior

"Diz-me, Senhor", n.º 50 (As Crianças Cantam).



Página Feminina

O QUARTO MANDAMENTO

Camila Woodbury Tudd

O velho relógio cuco anunciava 9 horas e 30 minutos quando Helena Souto beijou sua filhinha caçula e a mandou para a Escola Dominical. A pequena Mila hesitou à porta de saída. "Queria tanto que você viesse hoje comigo à Escola Dominical, mamãe!" disse ela, suplicante.

"Eu gostaria de ir com você, querida minha," Helena respondeu melancòlicamente, "mas, como você vê, não estou pronta, e tenho de preparar o almôço, pois papai o quer pronto exatamente ao meio dia."

A pequena Mila, com os olhos arregalados, replicou: "Minha professôra da Escola Dominical disse que não devemos trabalhar no domingo, porque é o Dia do Senhor. Hoje é o Dia das Mães e também o Dia do Senhor. Ó, por favor, venha mamãe!"

Helena, evitando os olhos de Mila, disse: "Realmente, hoje não posso ir com você, coração. Agora vá depressinha, senão chegará atrasada."

Um sentimento de culpa apoderou-se dela enquanto olhava a criança desapontada dobrar a esquina. As lágrimas quentes faziam arder os olhos de Helena. Ela não podia esquecer aquêle rosto ansioso e suplicante. "Eu devia ter deixado tudo e ido com ela," disse, acusando-se a si própria. "O Dia das Mães é sòmente uma vez por ano e o Dia do Senhor, uma vez em cada sete dias." Com as mãos tremendo, enxugou os olhos úmidos na a bainha do avental sujo de farinha e prendeu com um grampo uma mecha de cabelos grisalhos que não ficavam no lugar, atrás da orelha. "Eu sei que há serviço demais, porém, se eu me levantasse às seis para alimentá-los e sair na hora, tudo daria certo. Eu devo estar ficando velha," disse.

Henrique Souto tinha ido à reunião do Sacerdócio meia hora antes de começar, e deixou uma advertência para as crianças apressarem-se e chegarem na hora. Pontualidade, honestidade, confiança e normas eram os legados que haviam sido herdados. Era fiel na observância do Sábado e esperava o mesmo de seus filhos. Êles deveriam ser limpos perante Deus e assistirem a tôdas as atividades da Igreja.

Com Helena era diferente. Através dos anos de luta, ela tinha feito de si uma serva fiel de Henrique, a quem olhava com um sentimento misto de reverência, admiração e amor. Henrique era um marido do qual poder-se-ia orgulhar: inteligente, progressista e pontual nas atividades civis e da Igreja. Um marido amoroso e gentil, porém, pouco dado a sentimentalismos. Êle era, em resumo, um "gentleman", que firmemente acreditava ser "a casa de um homem, o seu castelo," e tôda a ambição de sua espôsa deveria ser fazê-lo brilhar. Êle tinha-lhe construído êsse lar, seguindo o estilo de sua terra natal, com água-furtada e teto bem alto. Ficava na parte traseira do terreno. A longa entrada de carro era cercada por buxos e sebe bem guarnecida. A casa era o orgulho e a alegria de Helena; nenhum indício de sujeira escapava-lhe aos olhos. Os interêsses de fora não eram mais importantes que a tarefa do lar.

Ao meio-dia, estava bastante ocupada na cozinha, quando a pequena Mila entrou correndo e, cheia de excitamento, colocou na mão de sua mãe um pequeno livrinho de versos.

"Ó, mamãe, por que não foi?" choramingou, "tôdas as crianças deram uma linda flôr às suas mães, e você não estava lá."

Mila acabou em soluços. Helena abraçou a criança infeliz sussurrando-lhe palavras de confôrto. Mas ela não se conformava.

"Marlene disse que tinha a mãe mais bonita de todos, e eu lhe disse que minha mãe era a mais bonita do mundo, bastaria que ela arrumasse o cabelo e usasse umas roupas bonitas."

Henrique olhou ràpidamente da ponta da mesa, onde estava impacientemente esperando que o resto da família tomasse seus lugares. Helena sentiu o olhar crítico, enquanto apressava-se para pôr um grampo na obstinada mecha de cabelos grisalhos atrás da orelha.

"O desejo de sua mãe ficar em casa é seu privilégio, Mila, e quanto às roupas, ela não as usaria."

Helena pegou a grande travessa com a galinha dourada e levou-a à mesa, enquanto a côr desaparecia de seu rosto.

Henrique disse àsperamente: "Será que não podemos ter o almôço na hora certa, minha querida espôsa?"

Helena apressou-se para a cozinha, a fim de esconder a dor que estava sufocando o seu coração e cegando os seus olhos, e à medida que servia o almôço, as palavras, "na hora certa, na hora certa, na hora certa," não saíam de seu cérebro.

Durante trinta anos, vivera como um relógio e agora aquela rápida revolta a atormentava. Silenciosamente saiu de perto do fogão, em direção à longa mesa, coberta com uma elegante toalha de linho e apresentando

a melhor louça e prataria da casa; um rico banquete, desde sopa de tomate até torta de creme derretido, estava à frente de Henrique Souto.

Depois da oração para bênção do alimento, muito cansada para comer, Helena retirou-se para a sala, onde deixou-se ficar na pequena cadeira de balanço perto da mesinha. Ajustando os óculos, pegou a velha Bíblia da família e abriu nos dez mandamentos. Seguiu a lista com os dedos, até encontrar o quarto mandamento, que dizia:

"Lembra-te do dia do sábado para o santificar. Seis dias trabalharás e farás tôda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque em seis dias o Senhor fêz os céus, e a terra, o mar e tudo o que nêles há, e ao sétimo dia descansou: por isso o Senhor abençoou o dia do sábado, e o santificou."

Helena leu isto várias vêzes: "...nem tu, nem teu filho, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro..." Naturalmente ela não estava lendo bem. Limpou suas lentes molhadas de lágrimas e leu outra vez. Sim, ela estava certa, não havia a citação de "tua mulher". Tudo estava mencionado especìficamente, menos ela. A punição de Eva, não havia dúvida, pela desobediência de comer o fruto proibido.

Helena fechou o livro e colocou-o de volta ao seu lugar. Sentou-se, abatida e de certa maneira frustrada, pois bem dentro de seu coração queria encontrar coragem para não trabalhar no domingo. A menos que ela pensasse em ser contada como "tua serva," pois não era ela a serva dessa casa, cuidando de suas necessidades, sempre às suas ordens?

Henrique e seus filhos, todos os seis, tinham aceito a sua servidão como aceitavam o pôr e o nascer do sol. Se Benê não tivesse pedido o bôlo, e... Helena voltou a si novamente.

Ora, que espécie de marido suas filhas teriam? Estava ela criando filhos para serem intransigentes, trazendo assim, sofrimento às espôsas com quem casariam um dia?

Que cega e tôla tinha sido, pensou, caindo em soluços — soluços que agitavam e despertavam sua alma.

Deslisando os dedos dentro do bôlso do avental, à procura do lenço, tocou no livrinho de Poemas das Mães, que na primeira página tinha escrito:

Querida mamãe,
Cordialmente convidamo-la a assistir o programa do Dia das Mães, hoje às 19 horas na capela distrital, o qual foi preparado pelos membros do Sacerdócio Aarônico.
Sinceramente,
Seus servos,
Presidente do Distrito

Um calor repentino subiu ao coração de Helena. De certa maneira a palavra "servo" não tinha, absolutamente, má significação. Sacerdócio Aarônico! ora, dois filhos seus tinham êste sacerdócio. Era estranho que êles não o tivessem mencionado. Então ela refletiu e notou que não havia tido tempo de tomar parte em suas atividades. Ela tinha estado bastante ocupada e absorvida em manter as janelas do castelo de Henrique brilhando.

Mas iria a êsse programa. Ela lhes mostraria que os amava e reconhecia seus esforços e cuidados.

Tirou o velho vestido de sêda do cabide, o qual não usava desde que Jorge tirara o diploma do ginásio.

Estava quase fora de moda, mas ficaria bom com uma boa passada de ferro.

O casaco de lã, que êles haviam dado a ela no ano passado, juntamente com um par de sapatos da mesma côr, ainda não tinham sido usados. E nem tinha encontrado tempo para descansar em seu delicado roupão côr-de-rosa. Isto era coisa para as mulheres indulgentes, não para ela.

Então viu a caixa comprida, amarrada com uma fita azul brilhante em cima da cama, com um cartão, no qual se lia *"À mamãe, com todo nosso amor"*.

Helena quase desmaiou. Ajoelhou na cama ao lado da caixa com lágrimas nos olhos. Henrique estava certo "Ela não usaria mesmo que tivesse." Afinal, culpava-se a si mesma. Êles já estavam acostumados às suas desculpas para ficar em casa. As autoacusações cresciam dentro dela quando, solenemente, resolveu mudar as coisas.

Helena vibrou com uma estranha sensação diante do espelho. As desgovernadas mechas de cabelo estavam em volta de suas orelhas. Seus olhos, azuis como o vestido que Henrique lhe dera, estavam brilhantes. Calçou um par de luvas brancas e colocou o lenço dentro de sua distinta bôlsa.

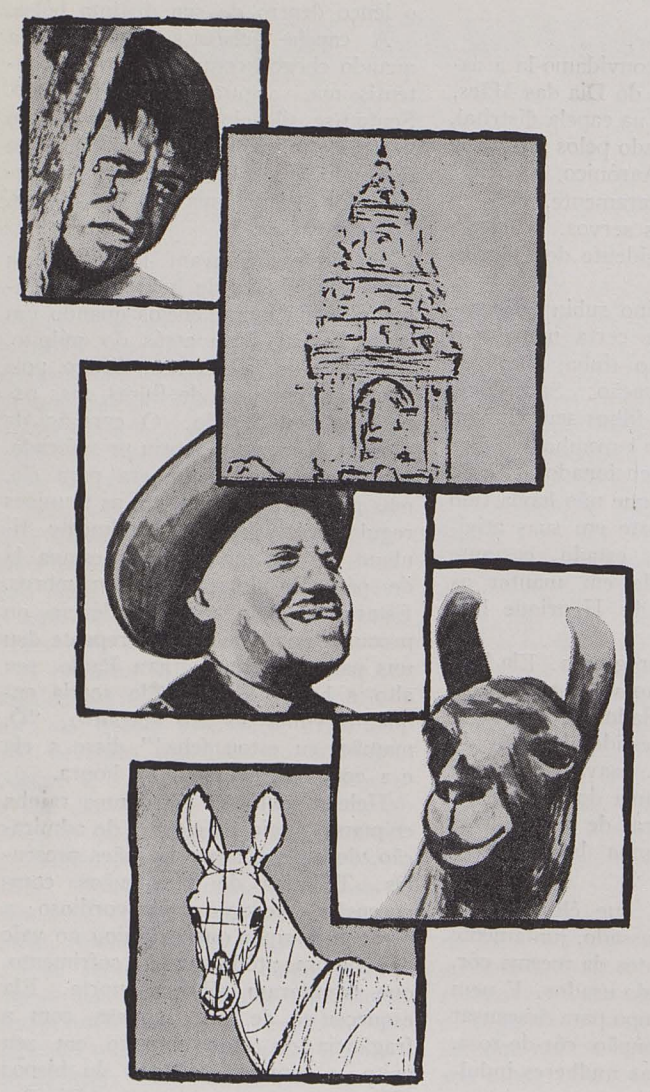
A capela achava-se quase cheia quando chegou com Mila, que ia contentíssima, segurando-a pela mão. Sentou-se silenciosamente num banco de trás. O púlpito estava lindamente decorado, e os lugares de honra arrumados com uma faixa escrita, "Nossas Mães."

Os jovens estavam levando suas mães aos lugares de honra. Os lugares estavam quase cheios quando um outro jovem ficou atrás do púlpito. Ela não o podia enxergar direito, pois havia alí um vaso de flôres, mas parecia-se com Paulo. O coração de Helena disparou e sentiu-se sufocada. Claro que aquilo não era para ela, mas para as que assistiam as reuniões regularmente, as que realmente tinham fé. O jovem ainda estava lá de pé, olhando para os membros. Estaria lá para manter silêncio ou procurar por alguém? De repente deu uns passos à frente. Era Paulo, seu alto e bonito Paulo. Êle sorria enquanto vinha ao seu encontro. "Ó, mamãe, eu estou feliz!" disse a ela e a conduziu ao lugar de honra.

Helena sentiu-se como uma rainha enquanto ouvia os elogios de admiração, devoção e amor às mães presentes. Tributos de suas mãos, compreensão e coração misericordioso; a coragem e amor que os guiou no vale das sombras; tôda sua fé e sofrimento, que triunfaram sôbre a morte. Ela esqueceu-se de sua fraqueza com a fragância do cravo branco em seu peito, e com as palavras do bispo: "Eu estou contente porque o Dia das Mães é no domingo. O domingo existe para o crescimento de nossa fé. Deixemos nosso corpo descansar, para podermos guardar as leis do Deus da natureza, pois êle criou nosso corpo e sabe o que êle pode aguentar. Eu acho que Deus fêz êste domingo para as mães cansadas."

Helena não ouviu mais. Seus olhos procuraram seu marido; encontrou-o na terceira fileira. Outra vez ela viu o antigo brilho de orgulho e ternura em seus olhos enquanto êle sorria para ela. Então, sùbitamente, das profundezas de sua alma jorraram lágrimas de felicidade, que caíam sem medidas sôbre suas mãos desocupadas.

MEU CANTINHO



O Presente

Olive W. Burt

"Vamos, ande, lindeza!" Joselito persuadiu seu lhama de estimação, desamarrando a corda que o prendia ao tronco de uma árvore alta, próxima a um casebre de adobe que era o seu lar. "Vamos, Blanco! Precisamos aprontar-nos para nossa viagem à feira."

Blanco, um lhama todo branquinho, ajoelhou-se e depois ficou de pé. Seus olhos verdes, amendoados, fitavam o dono. Parecia estar pensando: Por que será que me incomoda? No entanto seguiu o rapaz. Joselito conduziu o animal até a porta do casebre.

Papa e Mama trouxeram até êle as coisas que seriam vendidas. Havia alguns ponchos de listras brilhantes que Mama tecera, alguns gorros tricotados com a lã de seus próprios carneiros. Havia jarras de cerâmica que Papa fizera e duas lindas taças de prata.

"Essas taças darão um bom dinheiro — mucho dinero!" disse Papa. Orgulhava-se das poucas palavras em espanhol que conhecia. Sua própria língua era a dos índios quíchuas, que viviam nas montanhas do Perú, acima da capital, Lima.

Mama meneou a cabeça. "É de dinheiro que precisamos. Não se esqueça, Papa, o remédio para a avòzinha."

"Eu não o deixarei esquecer," prometeu Joselito. "Fico triste ao pensar que a avòzinha e a senhora não vão mais à feira, como costumavam ir."

"É impossível," informou-lhe a mãe. "A avòzinha está muito doente para ir e eu devo permanecer aqui para cuidar dela."

Quando tudo estava empacotado e bem colocado no dorso de Blanco, Papa e Joselito partiram pela estrada enpoeirada em direção a Lima.

Tio Ramon, que morava perto de Joselito, dirigiu-se a êle. Era metade índio e metade espanhol e falava as duas línguas. Tio Ramon possuía muitos lhamas, bodes, carneiros e burros. Tinha até duas ou três mulas. E hoje estava montando um excelente animal. Olhou na direção do rapaz que vinha vindo:

"Buenos días!" disse êle a Papa. Depois a Joselito: "Vejo que ainda conserva o lhama. Quando vai vendê-lo a mim? Eu lhe darei vinte moedas de prata por êle. Com tanta prata, você ficará rico, meu pequeno. Pense bem."

Joselito sacudiu a cabeça. "Não, senhor! Não tenciono vender meu Blanco. Eu o encontrei ainda bebê na montanha, quando a mãe o deixou. Alimentei-o, aqueci-o e êle me pertence. Não é apenas um lhama, é também um amigo. Não posso vender meu amigo."

"Você pensa assim hoje, meu caro. Mas qualquer outro dia considerará vinte moedas de prata melhor do que um lhama, sim, muito melhor do que um amigo." Deu uma risadinha e prosseguiu no seu caminho.

"Vinte ou cem moedas," murmurou Joselito, "não fazem diferença. Não posso vender Blanco."

À tardinha, o pequeno grupo chegou aos arredores da linda cidade de Lima.

Aos primeiros raios da madrugada, Joselito e Papa estavam de pé, preparando suas mercadorias para atrair os compradores. Joselito fitava as coisas exibidas por seus vizinhos. Gabava-se: "Nossos ponchos são os melhores, nossas jarras são as mais resistentes e essas taças estão brilhando mais do que qualquer outra coisa na rua," afirmou orgulhosamente. "Vai ser um ótimo dia para nós!"

Todavia, ao escoar das horas, tanto Joselito como o pai descobriram que, afinal de contas, o dia não fôra

tão bom assim. Não era por causa do tempo. O sol estava radiante e a brisa que vinha do oceano era fresca e suave. Não era por causa das mercadorias. Todos que examinavam os ponchos, cobertores, gorros e jarras admiravam-se da sua exímia confecção. Mas todos tinham o mesmo problema. As pessoas se aproximavam — os espanhóis abastados que tinham predileção pelos enfeites originais feitos pelos nativos; os turistas, que geralmente não pechinchavam; os curiosos e o pessoal que costuma sempre se aglomerar nas feiras. Olhavam, examinavam, mas não compravam.

Parecia que Blanco teria de levar a maioria das coisas de volta para a montanha.

"Não podemos levá-las de volta para casa," disse Joselito. "Temos que vendê-las. Precisamos de dinheiro para comprar açúcar e arroz, papai! Não devemos esquecer do remédio!"

"É isso mesmo, meu filho. Temos que vender por menos do valor, mas precisamos vendê-las."

Por isso, quando um turista começou a regatear o preço, Papa perguntou, "Bem, qual é sua oferta?"

Na manhã seguinte o pai de Joselito depositou-lhe nas mãos algum dinheiro e disse: "Vá, meu filho e procure o médico que tem o consultório na rua da Catedral. Êle conhece a avòzinha, e certamente lhe dará o remédio necessário. Enquanto vai, eu aprontarei as coisas para a viagem de regresso."

Joselito não teve dificuldade alguma em encontrar o médico. Explicou quem era e o que desejava. O médico lhe deu um frasco de remédio.

"Isto dará à velhinha um pouco de alívio," disse êle, mas não a curará. Ela deve ser encaminhada ao hospital. Diga a seu pai que a velhinha deve ser trazida para o hospital."

"Mas, senhor, isso custa dinheiro, não é mesmo?"

"Claro, custa dinheiro — mas não tanto. Pode-se dar um jeito."

Em casa, mamãe deu uma dose do remédio à avòzinha, acalmando-a. Mas de noite ela tossiu e gemeu. Joselito, deitado no assoalho sujo do casebre, não podia conciliar o sono, mesmo sob seu poncho quentinho. Queria muito bem à avòzinha e se entristecia de saber que ela estava sofrendo.

Logo que amanheceu o dia, Joselito levantou-se e saiu. Recolheu alguns punhados de grama e levou-os a Blanco. Enquanto o lhama comia, Joselito reuniu alguns talos de grama mais firmes e fêz uma vassourinha. Escovou Blanco da cabeça à cauda. O animal apreciava muito isso e mexia-se um pouco para que a escôva o alcançasse em cada centímetro de sua pele.

Quando Blanco terminou seu repasto e seu pêlo estava liso e lustroso, Joselito desamarrou-o. De seu bôlso retirou um rôlo de fio brilhante. Ordenou então: "Ajoelha, Blanco!" E quando o animal ajoelhou, o menino passou-lhe o fio brilhante sob o pescoço. Amarrou dois sininhos de prata no fio.

"Agora sim, lindeza! Você poderá andar com mais garbo. Ande, vamos até o tio Ramon!" As palavras pareciam difíceis de passar pela garganta, mas esforçou-se para pronunciá-las de uma só vez, embora sentisse dor.

Tio Ramon estava sentado sob as árvores que sombreavam sua casa. Olhou para cima quando Joselito chegou mais perto.

"Eu vim, tio Ramon," disse destemidamente Joselito, "vender-lhe meu lhama."

"Então! Chegou o momento em que o dinheiro lhe parece melhor do que o animal."

Os olhos de Joselito marejaram. Não podia dizer coisa alguma.

"E o que fará no dia de feira? Levará a carga em suas costas como fazem os pobres? Isso lhe desenvolverá os músculos sôbre os ossos, meu pequeno!"

"Sim," disse Joselito, "às vêzes terei que transportar minha carga como diz. Mas nem sempre. Porque além das vinte moedas de prata que me prometeu deverei receber um de seus burros."

"Oh, não!" gritou tio Ramon. "Você acha que pode tapear um mestiço, hein? Tapear tio Ramon? Isso ninguém faz! Não! E além disso, minha oferta de vinte moedas foi ontem. Hoje, dou-lhe quinze pelo animal."

"Não posso pechinchar," disse Joselito firme. "Deve pagar-me vinte moedas de prata e o burro. Do contrário, volto para casa com meu Blanco!"

O homem franziu o cenho. Mastigava um talo de grama, considerando. "Por que, meu pequeno? Por que tanta determinação?"

"Devo adquirir o dinheiro para levar a avòzinha ao hospital. E preciso do burro para transportá-la a Lima. Não pode andar, como o senhor sabe."

"Quinze moedas de prata! Esta é minha última palavra!" disse tio Ramon.

Joselito deu meia volta com a corda de Blanco em sua mão.

"Venha, lindeza!" exclamou com alívio. "Eu tentei. Agora vamos para casa."

"Muito bem!" berrou tio Ramon. "Volte! Volte! Terá o que quer, mas é um roubo!"

Chamou um de seus homens para trazer o burrico mais gordo do pátio. Depois dirigiu-se para dentro da casa. Voltou com uma bôlsa de moedas de prata e pôs vinte na mão de Joselito.

O criado trouxe o burrico. Joselito examinou-o e achou-o um belo animal. Foi só então que colocou a ponta da corda que segurava nas mãos de tio Ramon.

"Té logo, lindeza," murmurou, com seus braços ao redor do pescoço de Blanco. "Adeus. Não te lamentes, meu Blanco, por teres agora outro dono. Tio Ramon é um bom homem. Êle te tratará bem. E saiba que estás ajudando a avòzinha."

Tomou a corda do burro em sua mão e afastou-se de Blanco. Vagarosamente saiu do pátio e desceu a estrada em direção a seu lar.

Quando estava fora da vista de tio Ramon, parou. Apanhou um punhado de grama e usando-o como escôva, passou-o sôbre o pêlo do burro até que brilhasse como prata. Depois tirou de seu bôlso um fio brilhante e amarrou-o no pescoço do animal. Em seguida pendurou dois sininhos de prata nesses fios.

"Agora você está uma lindeza!" murmurou. "Êste é um dia especial, pois vou dar-lhe um nome. Eu o chamarei de "Presente" — farei presente de você à avòzinha, dando-lhe também o dinheiro que precisa para ser levada ao hospital e curar-se, ficando boa e forte como era antes. Venha, lindeza!"

Joselito e "Presente" tomaram o caminho de casa, acompanhados pelo tilintar dos sininhos de prata.

JUVENTUDE DA

Os Desis

Muitos estudantes que desistem do curso colegial, apresentam-se em meu escritório quando estão resolvidos a abandonar tudo. Êsses jovens, tanto rapazes como moças, passam a receber a denominação de os "Três Sem's"... sem formação cultural, sem habilitação, sem emprêgo. A experiência que tive com centenas dêles nestes últimos anos leva-me a acrescentar um quarto item, que é... "sem alegria".

Milhares de palavras e cifras registradas em livros tentam descrever o desistente. Muitas vêzes as descrições se contradizem de modo visível. Quando conseguimos entender mais claramente o problema, percebemos que o desistente não difere muito "daquele que não desiste". Seu grau de inteligência se inicia na escala mais baixa e vai até a mais alta, como a maioria das pessoas. Seu lar parece mais ou menos estável quanto um lar comum, no qual os pais são geralmente casados, vivem juntos e possuem residência própria.

O desistente difere no que diz respeito à sua participação junto aos outros estudantes, nas atividades extracurriculares e raramente é ativo na Igreja. Embora sejam difíceis de se classificar e descrever, os estudantes que desistem de seus cursos geralmente sentem-se infelizes — com a escola, com a comunidade, com os colegas, com a Igreja e extremamente infelizes consigo mesmos. Sydney J. Harris declarou", "a maioria dos desapontamentos da vida adulta poderiam ser minorados se pudéssemos aprender bem cedo — e crer verdadeiramente — que aquilo a que chamamos confusamente de *felicidade* é uma direção e não um lugar".

A tragédia do desistente é que suas ações freqüentemente criam um círculo vicioso, difícil de ser rompido. A infelicidade que sente por si próprio e pelos outros fá-lo desistir e ter conflitos com a sociedade. Mais tarde, a própria sociedade o rejeitará, causando-lhe maior infortúnio ainda.

Quase sempre os estudantes que têm dificuldades tentam voltar-se para os pais e amigos, usando a escola como um chicote.

sistentes

Vern W. Call

É bem comum as moças pensarem que encontrarão finalmente a almejada felicidade ao sair do lar para se casarem com o rapaz de seus sonhos. Uma das coisas mais tristes que existe é ouvir uma moça dizendo, "Sei que êle não está se importando muito agora, mas mudará depois de nos casarmos."

Salomão disse, "... adquire, pois, a sabedoria; sim, com tudo o que possues adquire o conhecimento."

É importante que os jovens entendam que o nível de escolaridade para bons emprêgos é muito mais necessário hoje em dia do que em tempos passados.

Um diploma universitário sempre é descrito com um "cartão de visitas", porque serão poucos os empregadores que, daqui a alguns anos, prestarão atenção a uma pessoa com menos do que isso. Os jovens têm de compreender que a automatização oferece empregos para peritos em suas profissões, quer liberais ou técnicas, a fim de que possam progredir rápida e ilimitadamente, enquanto que as ocupações sem especialização, que requerem pouco treinamento, estão diminuindo na mesma proporção. A juventude precisa entender que a felicidade é conseguida por meio de uma vida bem regulada, que seja produtiva e satisfatória; e que a grande e sagrada questão do matrimônio é mais importante do que se encontrar uma vocação adequada, com a qual suprirá as necessidades da família.

A juventude precisa compreender, também, que "a glória de Deus é a inteligência," (D&C 93:36) e "se uma pessoa por sua diligência e obediência adquirir mais conhecimento e inteligência nesta vida do que uma outra, ela terá tanto mais vantagem no mundo futuro." (Idem 130:19) O sucesso resultante da realização de qualquer projeto valioso desenvolve a espécie de caráter pelo qual o mundo espera ansiosamente.

Os "4 Sem's" aguardam atrás das portas e páteos escolares os que escolhem abandonar suas emprêsas. A meta de cada SUD não deve ser a dos "4 Sem's", sem formação cultural, sem habilidades, sem emprêgo, sem alegria — mas a dos "5 Com's", isto é:

PROMESSA

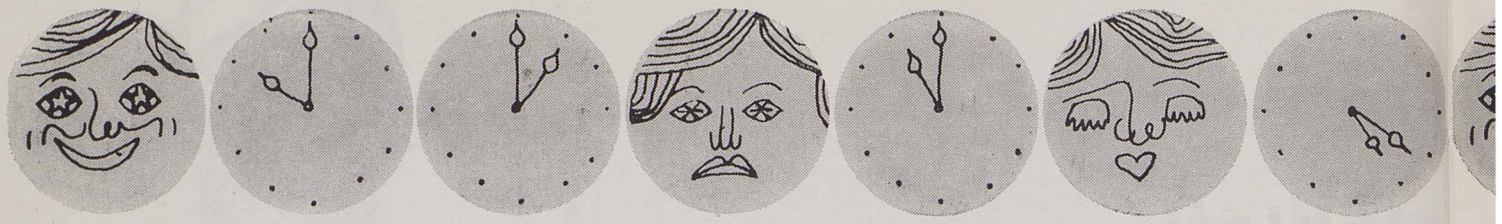
COM SEGURANÇA

COM DETERMINAÇÃO

COM HUMOR

COM DISCIPLINA

COM DEDICAÇÃO A DEUS



É TEMPO DE A

A mais maravilhosa quadra da vida é certamente a juventude. Todo o futuro está diante de nós e nada parece impossível. Melhor seria dizermos que nada é realmente impossível para os jovens.

A juventude é o tempo das grandes decisões. A cada passo uma encruzilhada se apresenta diante dos moços, e há que decidir, escolher os rumos da vida, determinar as trilhas do futuro, tanto nas coisas espirituais como nas materiais; desde a maneira como reagiremos aos mandamentos de Deus, até à definição da carreira com que disputaremos o nosso sustento material. É um período importantíssimo da vida, porque as decisões aqui tomadas influenciarão todo o restante da existência, não só no tempo, como através da eternidade.

Entre as decisões mais importantes que devemos tomar nessa época, certamente nenhuma é maior nem mais carregada de responsabilidade do que a escôlha da pessoa com a qual percorreremos os caminhos desta vida mortal e à qual seremos selados para todo o sempre.

A dificuldade de uma tal escôlha parece maior para as moças da Igreja do que para qualquer outra jovem que não alimente os mesmos ideais. Realmente, no caso das nossas jovens, o problema não se resolve apenas por encontrar um rapaz bem apessoado e de promissoras possibilidades financeiras porque, muito mais do que isso, a escôlha envolve a seleção de alguém digno de partilhar tôda a nossa vida tanto no que se refere aos bens materiais quanto, mais importante ainda, de nossa vida espiritual, e é preciso que estejamos seguros de que vale a pena vivermos com êsse alguém por tôda a eternidade.

Ao julgarem os possíveis candidatos, as moças de ideais elevados procurarão nêles as qualidades morais que podem fazer de um belo rapaz um espôso digno, e depois de feita a escôlha, ainda resta o problema de fazer saber ao candidato que é tempo de iniciar a "conquista" da moça.

Felizmente as nossas jovens são inteligentes e superam tão hàbilmente essa dificuldade que os rapazes, quando menos esperam, estão empenhados em conquistar aquelas que já de antemão os designaram como futuros esposos. Elas conhecem o jeito...

Infelizmente, ao fazerem a sua escôlha, muitas moças verificam que tôdas as qualidades sonhadas para o seu príncipe encantado acumularam-se, exatamente, em algum dos nossos... missionários. Infelizmente por que? Porque justamente êles são inelegíveis. Estão temporàriamente fora de circulação. Por si mesmos e livremente decidiram dedicar dois anos ou mais de suas vidas, em caráter exclusivo, ao trabalho do Reino de Deus, mediante um voto sagrado, de não se desviarem dêsse rumo nem para a direita nem para a esquerda.

Os que são fiéis à sua palavra e cumprem com dedicação a sua chamada, crescem em poder espiritual e cre-

E AMAR... QUEM?

Pres. Hélio da Rocha Camargo

denciam-se para receber mais abundantes bênçãos de Deus no futuro. Aos que não souberem cumprir com seus deveres, sòmente o desprêzo e a amargura caberão como herança do futuro. Desprêzo de si mesmos, a amargura de sentirem, como expressa o poeta: "a tristeza do que tenho sido e o espendor do que deixei de ser."

Quem gostaria de se casar com um fracassado? Que moça estaria desejosa de unir sua vida eternamente a alguém que não é capaz de guardar a palavra empenhada? Que valor teriam as promessas de amor de um homem que não cumpre nem mesmo o que promete ao Senhor?

Isto é o que gostaríamos de dizer às moças de nossa Igreja: os jovens missionários fazem uma promessa solene a Deus, e devem ser ajudados a cumprí-la. Não são mandados a lugar nenhum do mundo para escolher espôsas, e não devem ser tentados à quebra de seus votos justamente por aquêles que deveriam apoiar sua missão. Se os amamos, se admiramos suas qualidades, nossa obrigação é fortalecê-los em suas posições para que se dignifiquem executando sua tarefa, em lugar de colocar tropeços em sua frente, para que caiam e se degradem diante de si mesmos e do Pai Celestial.

De mais a mais, suponhamos que uma moça consiga interessar um dêsses jovens, cegando-lhe o entendimento a ponto de fazê-lo desobedecer à voz de sua própria consciência e o conquiste para marido; que tipo de espôso está ganhando? Que qualidade de missionário está recebendo? O pior. A própria espôsa passará a desprezá-lo ou, quando menos, a duvidar dêle, por mais solenes que sejam as promessas que lhe faça. E o moço? Como se sentirá em relação à espôsa, depois de passada aquela fugaz privação de julgamento que o fêz cair? Como poderá olhar com carinho e respeito aquela que o levou a quebrar a palavra e a ser, por isso, espoliado das mais elevadas bênçãos que o Senhor prometeu para os que se mantivessem fiéis até o fim?

Moças, líderes da juventude de Sião, pais que têm responsabilidade na orientação dos filhos e filhas no caminho da felicidade, nós rogamos a todos vocês, que cooperem com nossos missionários, moços e moças esplêndidos, que deixaram seus lares acompanhados de tantas orações e esperanças, para que retornem glorificados, felizes, engrandecidos espiritualmente, tendo cumprido com fidelidade sua tarefa.

Que as nossas jovens se abstenham de atitudes reprováveis, de olhares insistentes, de cartinhas insinuantes, de situações propositalmente criadas, para desviar de seu caminho os embaixadores de Deus, e que os pais igualmente cooperem, com compreensão e amor, para que a obra de Deus avance e os Seus missionários voltem a seus lares dignificados e merecedores das bênçãos prometidas aos fiéis.

Mães, ocupa vosso amor o devido lugar?

Bispo Victor L. Brown.
Discurso feito na
Conferência Geral de abril de 1965.

Meus irmãos e irmãs, quando me sentei ao vosso lado esta manhã, emocionado pelas mensagens inspiradas, pouco a pouco se me afigurou que o discurso que eu iria vos dirigir já havia sido proferido. Quando coloquei o papel em que iria escrevê-lo sôbre minha escrivaninha, na hora do almôço, meditei sôbre o que vos deveria dizer, caso fôsse chamado esta tarde. Duas experiências vieram-me à mente, ambas ocorridas nestas duas semanas.

Há uma semana atrás, minha espôsa e eu visitamos nosso filho e a espôsa, que acabara de ser mãe pela primeira vez. Ao visitarmos nossa nora e tomarmos nos braços aquela preciosidade feita de carne, que deixara a presença de nosso Pai Celestial, maravilhamo-nos diante da expressão daquela mãe estreante com o seu primogênito. Uma estranha sensação se apoderou de mim ante a alegria e admiração estampada na jovem mãe por ter trazido a êste mundo um dos filhos prediletos de nosso Pai Celestial.

Refleti como seria maravilhoso se ela pudesse lembrar tôda a vida de que Deus lhe havia confiado um filho seu.

Ontem à noite, visitamos a casa de outro filho nosso. Não faz muitas semanas, esta nora nos presenteou com a segunda netinha, que ficou conosco o tempo suficiente para virar-se no bêrço e erguer a cabecinha quando levada ao colo. Ao presenciar seu riso e testemunhar sua alegria, meu coração transbordou de júbilo. Ela é feliz porque sua mãe a ama e ela bem o percebe. Não pelo fato de ter sido informada, mas pelo modo com que a mãe a toma em seus braços, pela maneira que fala e canta para ela e através da comunicação entre suas almas.

Não pude evitar de pensar como seria maravilhoso se estas jovens mães pudessem recordar-se de onde vieram os dois filhos que lhes foram confiados. Creio mesmo que elas se lembrarão porque os amam.

É muito arriscado um sogro instruir suas noras na tarefa de educar seus filhos. Nunca me aventurei neste campo e suponho que esta seja a última vez. Entretanto, gostaria de dar uma ou duas sugestões:

Em tôdas as sessões de conferência, os irmãos nos dão conselhos a respeito da família. Espero que estas jovens escutem êsses conselhos. Se incorporarem êsses ensinamentos às suas vidas e dispuserem de uma boa porção de amor, com a qual êstes adoráveis sêres floresçam e transformem-se em indivíduos normais, felizes, robustos e espiritualmente firmes, terão cumprido suas responsabilidades de mãe.

O amor pode ser mal interpretado. Às vêzes torna-se dominador e egoísta. Êste não é o verdadeiro amor, pois, se o fôsse, manifestar-se-ia de modo altruístico.

A história de certa mãe que amava a filha, chamou-me a atenção. Amava-a profundamente. A filha não era muito popular, pois não tinha amigas. Freqüentava o curso superior e a mãe se sentia magoada por não a ver apreciada e querida. No intuito de grangear maior popularidade para a filha e, realmente preocupada com tal problema, decidiu que já estava na época de afrouxar as rédeas domésticas que a prenderam durante tôda sua infância e adolescência. Assim, esta mãe tão dedicada foi a outra cidade e matriculou-a na Universidade. Encontrando um apartamento próximo à escola, alugou-o. Era um tanto espaçoso e caro demais, mas nada a impediria de conseguir popularidade para a filha. Depois, voltou para casa, feliz por ter a certeza de que finalmente tomara tôdas as providências para que sua jovem e doce filha pudesse tornar-se bem popular.

Aí começaram a chegar notícias de que esta doce jovem SUD começara a fumar — era inacreditável! Quando chegaram os relatórios que incluiam bebidas alcoólicas, o fato tornou-se inconcebível. Ora, sua filha crescera nos ensinamentos de guardar a Palavra de Sabedoria. E quando a moça viu-se envolvida com a lei, quase partiu o coração da mãe. Ao perder a virtude, apunhalou o coração da mãe.

Mães, ocupa vosso amor o devido lugar? Desejais que vossas filhas realizem aquilo que vós não realizásteis? Ou desejais que elas cresçam, a fim de serem ótimas SUD, possuidoras dos padrões sôbre os quais temos ouvido falar tanto durante esta conferência?

Mães, ocupa vosso amor o devido lugar?

Para vocês, minhas noras, que vão criar meu nôvo netinho e minha outra netinha, almejo que os ensinem a serem honestos e verdadeiros. Mas não poderão ensinar-lhes isto a não ser que vocês mesmas sejam verdadeiras.

Certa vez, um líder escoteiro comentou a respeito de um dos maiores problemas de liderança da atualidade: o de tentar ensinar os escoteiros principiantes a serem honestos quando os pais são desonestos.

Gostaria de contar a vocês a história de um jovem, cuja mãe, de origem mexicana, ensinou-o a ser honesto. Vou lê-la, porque se a narrasse, omitiria algo:

"Hoje eu enxerguei a verdade. Por um momento vivi e respirei na presença fortalecedora da verdade e senti sua doçura calar fundo em minh'alma.

Sou treinador de Educação Física de um ginásio. Trabalho com 50 meninos por dia. Isso tem sido minha ocupação por mais de 20 anos e eu a aprecio muito.

Por tradição, tenho a fama de ser áspero, duro e rabugento; sim, e muitas vêzes até mesmo severo — mas sob esta aparência, demonstro sentimento e compreensão, se a tarefa a ser feita o necessitar.

Hoje foi um dia de competições de salto. Iniciamos com a marca dos 15 pés de altura. Uma de minhas tarefas nestas duas semanas passadas, foi a de treinar e ensinar os

meninos a cobrir esta distância no menor espaço de tempo possível.

O recorde anterior tinha sido o de 3 segundos e 1 décimo. O mesmo permanecia por três anos. Hoje êsse recorde já foi superado. Contudo, não é isso que interessa. Como foi batido é o que nos importa agora, como também os esforços que fazemos no decorrer de nossa vida.

Há três anos atrás, Bob Palacio, um rapaz mexicano de 14 anos e meio, treinava e dedicava-se, e suponho, que sonhava em bater aquêle recorde. Era sua grande aspiração, parecendo-lhe que tôda a sua vida dependia de conseguir tal recorde.

Em suas três primeiras tentativas, Bob atingiu a corda em 2,1 segundos, confirmando o recorde. Na segunda tentativa o relógio parou nos dois segundos justos, um autêntico recorde! Porém, quando a classe inteira reuniu-se em tôrno do relógio para verificar, compreendi que precisava perguntar algo a Bob. Havia uma leve dúvida em minha mente: se êle tocara ou não a prancha na altura de 15 pés. Se não tivesse acontecido! Êle esteve tão perto — não mais que a fração de uma polegada — mas apenas Bob sabia a resposta.

Assim que se dirigiu a mim, sem expressão, eu lhe disse, 'Bob, você tocou?' Se respondesse afirmativamente, o recorde sonhado desde quando era franzino e trabalhava quase que diàriamente para conseguí-lo seria seu; êle percebeu a confiança que depositei em sua palavra.

Com a classe tôda em alvorôço pela alegria de seu feito, o garôto moreninho e franzino sacudiu a cabeça negativamente. E neste simples gesto, testemunhei um momento de pura grandeza d'alma.

Os treinadores não choram. Dizem que sòmente os bebês é que choram. Contudo, quando me aproximei dêsse rapaz para o consolar, havia lágrimas em meus olhos. E não foi sem esfôrço que conseguí pronunciar as seguintes palavras, emitidas de minha garganta apertada de emoção: 'Êste rapaz não estabeleceu um recorde nessa modalidade de esportes. Não, pois realmente estabeleceu um recorde muito maior, quase que inatingível para todos nós. Contou a simples verdade.'

Virei-me para Bob e disse, 'Bob, estou orgulhoso de você, pois acabou de bater um recorde que muitos atletas nunca obtiveram. Agora, em sua última tentativa, gostaria que saltasse um pouco mais alto na partida. Você vai bater êsse recorde.'

Depois que os outros rapazes tiveram sua vez, Bob chegou perto da corda para sua tentativa. Um estranho silêncio pairou sôbre o ginásio. Cinqüenta rapazes e um treinador, todos silenciosos, sem quase respirar, estavam dispostos a ajudar Bob Palacio a estabelecer o nôvo recorde. E êle saltou em 1 segundo e 9 décimos!

Quando soou a sineta e me afastei dos rapazes, olhos semi-cerrados, ia pensando: 'Bob, você com sua tez bronzeada, seus olhos brilhantes e escuros e sua figura delgada — Bob, você com apenas 14 anos, é mais homem do que eu. Agradeço-lhe por ter subido tão alto hoje." (Boy Life.)

Minhas queridas noras, encorajo-as a ensinar seus filhos a serem verdadeiros e honestos. Aconselho-as a fazerem suas noites familiares dêste dia em diante; apesar de suas criancinhas não entenderem o que é dito, sentirão a atmosfera que reinará. Compreenderão à medida que forem crescendo e bendirão o seu nome por lhes terem ensinado o Evangelho em seus lares.

Concluindo, gostaria de ler a "Parábola às Mães."

"Certa jovem mãe iniciou seus passos pela jornada da vida. 'Será longo o caminho?' perguntou ela. E o Guia disse, 'Sim, e também difícil. Ficarás velha antes que possas alcançar o final da trilha. Contudo, o fim será bem melhor do que o início.'

"Entretanto, a jovem mãe estava feliz e acreditava mesmo que não poderia haver coisa alguma melhor do que aquêles anos. Assim, brincava com seus filhos, colhia flôres para êles enquanto caminhavam. E o sol brilhava sôbre êles e a vida era boa e a jovem mãe exclamou: 'Nada pode ser melhor do que isto!'

"Depois veio a noite tempestuosa; o caminho tornou-se escuro e os filhos começaram a tremer de mêdo e de frio. Porém, a mãe aconchegou-os a si e cobriu-os com seu manto e êles afirmaram: 'Mãe, não mais tememos, porque você está perto e nenhum mal pode nos atingir.'

"E disse a mãe, 'Isto é ainda melhor do que a claridade do dia, pois ensinei meus filhos a terem coragem.'

"Chegou a manhã do dia seguinte e havia um monte adiante e os filhos o escalaram e se fatigaram. Mas disse ela aos filhos, 'Um pouco mais de paciência e lá estaremos.'

"E assim êles o galgaram até o pico e disseram, 'Não poderíamos tê-lo feito sem a senhora, mamãe!'

"E naquela noite a mãe contemplou as estrêlas e disse, 'Êste dia foi ainda melhor do que o último, porquanto meus filhos aprenderam a ser fortes diante das dificuldades. Ontem lhes dei coragem, hoje fôrça!'

"E no dia seguinte surgiram certas nuvens que escureceram a terra — nuvens de guerra, de ódio e males, e os filhos andavam trôpegos e com dificuldade. A mãe lhes disse, então, 'Ergam-se! Fitemos a luz.'

"E os filhos olharam e viram acima das nuvens a Luz Eterna, que os guiou e os tirou das trevas.

"E naquela noite a mãe disse, 'Êste foi o melhor dia de todos, pois consegui que meus filhos buscassem a Deus.'

"E os dias sucederam-se, seguidos de semanas, meses e anos e a mãe envelheceu e já estava encarquilhada e franzina. Entretanto, os filhos eram altos e fortes e caminhavam destemidamente. E quando o caminho se tornava árduo, êles a suspendiam nos lugares difíceis. Afinal, chegaram a um monte e além do monte puderam enxergar uma estrada cintilante, com portões doirados, e quiseram se afastar.

"E a mãe lhes disse: 'Cheguei ao fim de minha jornada e sei agora que o final é bem melhor do que o início, pois meus filhos podem caminhar sós e seus filhos o farão após êles.' E os filhos disseram, 'A senhora caminhará sempre conosco!' E alí permaneceram e a observaram caminhar, enquanto atravessava os portões doirados, os quais se fecharam após sua passagem. E disseram, 'Não podemos ver nossa mãe agora, mas ela ainda está conosco e sua presença perdurará." (Stepping Stones Magazines, maio de 1946.)

Que Deus abençôe tôdas as mães de todos os lugares, onde quer que se encontrem! Possam elas ensinar o Evangelho a seus filhos! Que a sabedoria guarneça o amor que possuem pelos seus filhos, é o que rogo humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Jóias do Pensamento

MÃES: A ÂNCORA DA VIDA

Richard L. Evans

"Na sequência diária das coisas, freqüentemente, é difícil... expressar em palavras nossas mais íntimas emoções... dizer o que sentimos profundamente por nossas mães". Mas estamos cientes de que, dentro dos maiores penhôres da vida está o amor de uma mãe virtuosa e boa e as maiores dádivas oferecidas às mães são o amor e reconhecimento de seu incessante trabalho — não só pelo serviço da casa, importante como é, mas pelas virtudes de um fundamento sólido, pela completa confiança da alma, curando e orientando com firmeza pelo caminho da vida — saber "que você ama e é amado por sua mãe, que por sua vez ama os filhos de todo o coração, é o privilégio, a glória, o dever e a profunda alegria da maternidade."

Um eminente senador disse que "a maior virtude de uma mãe não é ir até o vale da morte para trazer uma nova vida ao mundo, mas é a de dedicar sua vida inteira ao bem-estar de seus filhos." O amor materno, sua orientação e ensinamentos são as melhores influências na civilização do mundo. "A âncora mais forte que tive em minha vida," disse outro homem, "... era o amor que eu sabia que ela tinha por mim. Êsse sentimento para com minha mãe tornou-se uma barreira que me defendia das tentações." "Ela ensinou-me duas coisas... constantemente," disse um notável cientista, "assegurar minha educação e permanecer fiel aos meus ideais... a atmosfera de luta e o profundo amor que ela enraizou em nosso lar fêz com que o progresso fôsse inevitável... a lembrança que eu tenho dela, de nossas confidências e conversas é sagrada e não pode ser transcrita no papel".

"Dentre os mais preciosos tesouros de minha alma, está a lembrança das orações de minha mãe ao lado da cama, de seu toque afetuoso, enquanto cobria meu irmão e eu, e do beijo de boa-noite... era a demonstração mais profunda do amor de mãe ... que mais de uma vez, durante a impetuosa juventude, tirou meus passos do precipício da tentação. Se o amor de mãe fôsse, pelo menos cinqüenta por cento, dedicado a causas justas e se os pais fôssem, pelo menos a metade do que deveriam ser em exemplo e honra, muitas das infelicidades e iniqüidades do mundo seriam superadas," disse o Pres. McKay.

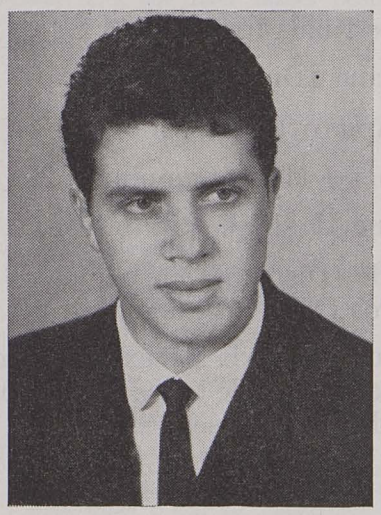
Tudo isso nos faz lembrar as significativas palavras de Ruskin, "Afinal, propicie a êles, não sòmente nobres ensinamentos, como também nobres professôres." Que as mães, jovens e idosas, amem e sejam amadas pelas lembranças, confiança e dedicação que proporcionaram às nossas vidas e sejam como disse o escritor dos Provérbios: "Levantam-se seus filhos e chamam-na bem-aventurada..."

O EXPEDICIONÁRIO DA PAZ

Pres. Hélio da Rocha Camargo

Os jornais falam diàriamente de novas armas nucleares e mais possantes foguetes cósmicos. Atualmente é quase impossível ligarmos o televisor ou assistirmos a uma sessão cinematográfica em que não apareça alguma notícia a respeito. O mundo, nos dias que correm, teme o poder destruidor de tais engenhos e, paradoxalmente, confia nêles para a manutenção da paz e o estabelecimento de relações mais amistosas entre os homens do futuro. Por seu lado, a corrida espacial também empolga as mentes e muita gente parece ver na conquista da lua ou dos planêtas do sistema solar a solução de muitos dos mais aflitivos problemas da humanidade, enquanto outros mais pessimistas tremem diante da ameaça indiscutível que representaria para o mundo o contrôle do satélite da terra por qualquer nação imbuída de idéias agressivas.

Muito se tem escrito a respeito da ameaça terrível que as armas modernas e os foguetes transportadores levam em seu bôjo; ameaça de destruição total da raça humana. Comparada com o morticínio produzido pelas bombas de TNT lançadas pelos aviões na última guerra, medida pelas mortes causadas pelos tanques de guerra e pela hecatombe gerada pelas primeiras bombas atômicas, chega a parecer quase inconcebível a carnificina que poderão trazer ao mundo as armas atualmente em estoque ou em fase de aperfeiçoamento.



Acho que há, entretanto, um êrro fundamental em tôdas essas esperanças e temores: nunca houve até o dia de hoje, um homem sequer que tivesse sido assassinado por um revólver; jamais existiu no mundo uma guerra movida pelas bombas TNT; ainda não se viu neste planêta qualquer nação ser ameaçada de destruição por aviões, foguetes ou dispositivos nucleares. Tôdas as lutas, desentendimentos, guerras e devastações têm sido iniciadas, movidas e sustentadas pela mão que empunha o fuzil, pelo dedo que aciona os contrôles de lançamento de bombas ou pelo braço que comanda o leme dos encouraçados. O perigo reside no coração do homem e não nas armas em si ou nos foguetes, isolados de seus comandantes. É sempre o homem que mata, assola, queima, destrói, usando as armas como simples instrumentos.

Ainda antes da invenção das armas de fogo, quando não constava nem mesmo que os homens já se houvessem iniciado no uso do arco e da flecha, em tempo em que nem referência se faz ao uso de uma simples faca, foi cometido o primeiro crime de morte. O impulso assassino não reside na potência da arma; êle instalou-se no coração de Caim como se pode abrigar na alma de qualquer ser humano, e o armamento representa tão sòmente o meio pelo qual o coração cheio de ira executa seus intentos.

Se alguma esperança pode existir para a humanidade, se algum temor deve o homem alimentar em sua vida, tudo há de depender do coração do próprio homem. A esperança única de harmonia e entendimento entre os homens, não reside na paz armada, a paz pelo temor, o entendimento pelo mêdo de destruição mútua; a esperança é o evangelho, o grande plano de vida instituído por Deus para a felicidade dos seus filhos.

Ao lermos nos jornais as notícias alarmantes ou as declarações esperançosas dos líderes políticos, baseados no poder das armas modernas, temos vontade de dizer-lhes, repetindo as palavras do Mestre: "Errais desconhecendo as escrituras e o poder de Deus."

Por isso é que dizemos com absoluta convicção que o maior trabalho atualmente em andamento no mundo é o de pregação do evangelho. Obra feita sem alarde nem manchetes nos jornais; trabalho que se realiza em surdina, com humildade, de porta em porta, de coração em coração, falando do amor de Deus e de seu maravilhoso plano de progresso eterno para todos os que aceitarem o sacrifício de seu Filho Unigênito e a sua liderança para a vida. E uma existência transformada pelo poder do evangelho, um coração purificado pela fé, são garantias certas de paz e boa vontade entre os homens. Que importa o poder destruidor que reside em uma bomba de hidrogênio, de cobalto, ou seja lá o que fôr, se ela estiver nas mãos de um homem nascido de nôvo, cheio de amor para com seus semelhantes e disposto a dar a sua vida para salvar a de seus irmãos, antes que abrigar no peito o ódio e a malquerença?

Dentro dêsse estupendo plano de salvação, na qualidade dessa milícia que luta com as silenciosas armas do espírito para destruir o ódio do coração dos homens, e tornando inúteis as armas e inofensivos os foguetes, partiu para a Europa no dia 1.º de março passado, o primeiro missionário brasileiro a atravessar o Atlântico.

Luiz Lombardi, filho dos queridos irmãos José e Antonieta Lombardi, membros antigos da Igreja em São Paulo, onde o Irmão José Lombardi tem desempenhado funções de maior responsabilidade, tanto como 1.º Presidente do Distrito de São Paulo, como na qualidade de membro da Presidência da Missão, é o nosso primeiro expedicionário da Igreja na Itália, terra de onde provieram os seus avós. Expedicionário da paz, embaixador do reino de Deus, certamente haveria uma multidão de jornalistas a postos no aeroporto de Congonhas na têrça-feira, quando você embarcou. Êles saberiam que partia naquele avião uma concentração de fôrça infinitamente maior que a de qualquer dispositivo atômico e saberiam que os destinos da Itália e do mundo dependeriam muito mais da atuação de jovens como você do que do comportamento dos diplomatas nas mesas de conferências ou do adestramento de soldados.

A fôrça de nossas orações estará com você, e o Espírito do Senhor o fortalecerá. Seja digno de sua chamada como até aqui tem sido em sua vida na Igreja entre nós, e teremos a maior alegria de nossas vidas quando formos esperá-lo no dia do regresso, após terminada a tarefa que o Senhor agora lhe confia, coberto de louvor, acompanhado pelas orações e a gratidão daqueles que tiveram, pelo seu ministério, alcançado a salvação e a promessa segura de vida eterna. Até breve, Luiz.

Sacerdócio Aarônico

● NOTÍCIA ● NOTÍCIA ● NOTÍCIA ● NOTÍCIA

Realizaram-se no dia 19 de março p.p., as finais do II Campeonato de Futebol de Salão do Sacerdócio Aarônico da Missão Brasileira. Os seguintes ramos foram proclamados campeões: Vila Mariana, Campinas I e Casa Verde, nas categorias juvenil, aspirante e adulto, respectivamente.

Os resultados dos jogos finais foram:

Juvenil: — Vila Mariana (Dist. Piratininga) 5
x Santo Amaro (Dist. Bandeirante) 3

Aspirante: — Campinas I (Dist. Campinas) 2
x Bosque II (Dist. Piratininga) 1

Adultos: — Casa Verde (Distrito Tietê) 1
x Pinheiros I (Dist. Bandeirante) 0

O Comitê do Sacerdócio gostaria de expressar o seu sincero agradecimento pela colaboração de todos os que tomaram parte, especialmente os jogadores, pelo seu espírito de luta e esportividade.

Os times demonstraram "afiados"...!

fotos do Irmão Reinholt Kraft, do Comitê do Sacerdócio

que estavam

Programa Noite Familiar

LIÇÕES PARA JUNHO

1.ª SEMANA — **PERÍODO DE ATIVIDADE FAMILIAR**

A família deverá ser avisada com antecedência de que esta noite familiar é de natureza recreativa. Deixe as crianças na expectativa de uma noite feliz.

A seguir sugerimos vários jogos que poderão ser feitos. Se não quiserem experimentar todos, joguem os que mais agradarem. Se os jogos aqui apresentados lembrarem outros que já conhecem, use êsses em lugar dos sugeridos por nós. O importante é que todos tenham oportunidade de participar e divertir-se. Não se esqueça, entretanto, de que os jogos serão melhor aproveitados se ensinarem princípios relacionados com as lições que têm estudado juntos. Sugestões:

1. *O programa de rádio ou televisão*

Sua família pode passar bons momentos ao participar de uma noite familiar como se esta fôsse um programa de rádio ou de televisão. Vocês poderão imaginar que estão realizando uma festa no lar, na qual *todos* os membros da família tomarão parte. A transmissão será para uma audiência imaginária. (Poderão, se o desejarem, convidar os avós ou vizinhos para terem uma audiência real ou para participarem da transmissão, conforme o que mais lhes agradar.)

Os participantes terão um microfone de "faz de conta:" uma escôva, uma colher, uma batedeira de claras ou outro qualquer utensílio de cozinha servirá para êsse propósito.

O pai ou o membro mais velho da família, que tenha imaginação e entusiasmo, poderá ser convidado para ser o apresentador.

Êste começará declarando que o programa é patrocinado e realizado pela família mais simpática do mundo. O pai poderá fazer a apresentação da espôsa da seguinte forma: "Senhoras e senhores! Quero apresentar-lhes minha espôsa, a única senhora João Cardoso. Como espôsa ela é formidável; é uma das melhores cozinheiras dêste país. Não é egoísta e contribui para tornar nosso lar igual ao céu. Eu a amo muito."

As apresentações poderão ser muito apreciadas, se forem ensaiadas com antecedência. Nessa ocasião tôda a família deverá dar demonstrações de seus dotes musicais, vocálicos, humorísticos, etc. Os pais poderão ajudar os filhos pequenos na preparação de seus números.

2. *O que está na caixa?*

Antes do início da hora familiar, arranje três caixas de papelão. Coloque em cada uma um objeto diferente. Por exemplo: numa delas coloque um retrato da família; uma régua de 20 cm, na outra e um espelho na terceira. O apresentador dará sete pistas para que adivinhem o nome dos objetos escondidos em cada caixa. O pai fará a marcação dos pontos e dará as pistas. É necessário que o nome de todos os participantes seja escrito em pedaços de papel.

Quando alguém julgar que sabe o nome do objeto que está sendo descrito, levantará a mão e o dirá ao pai em voz baixa, para não ser ouvido. Se estiver certo, o número correspondente ao da pista será escrito em seu papel. As adivinhações continuarão até que tôdas as pistas tenham sido dadas. No final, os números de cada pessoa serão somados e a que tiver *menos* pontos será a vencedora. As pistas poderão ser como as seguintes:

I — (A fotografia da família)

1. O que está aqui dentro é amado pelo Pai Celestial e também por você.
2. O que está aqui dentro veio do alto e sempre estará unido a você.
3. O que está aqui dentro tem laços, mas não renda.
4. Na hora das refeições os encontramos em lugares certos.
5. Continuam juntos, apesar da chuva, sol, mau tempo.
6. Cada um dos que estão aqui tem um nome.
7. A união do que está aqui depende muito de você.

II — (A régua)

1. O que está aqui dentro faz para uma linha o que os mandamentos podem fazer para a sua alma.
2. Medir uma alma, só Deus pode; isto, porém, pode ser usado para medir o homem.
3. O que está aqui dentro nunca mente.
4. Acha-se em quase todos os lugares, especialmente escolas, escritórios, lares.
5. Tem doze partes, porém um só pé, que não cresce nem corre. (A régua tem um pé de comprimento e o pé tem doze polegadas.)
6. Para fazer linhas, embora pequena, ela é realmente grande.
7. Se você estiver nervoso, ela começará a tremer em suas mãos.

III — (O espelho)

1. Olhe... e embora não goste, o que êle diz é verdade.
2. Algumas vêzes chora e outras rí — depende de você.
3. O que procede dêle é sempre verdade.
4. Quando êle é usado, as coisas se multiplicam.
5. Êle o ajudará a ser mais perfeito.
6. Embora pequeno, nêle cabem coisas maiores do que êle.
7. Existe de todos os tamanhos e as mulheres o adoram.

3. *À procura de um tesouro espiritual*

Anuncie que a próxima brincadeira será uma caçada ao tesouro espiritual.

Prepare, com a ajuda da família, 22 pedaços de papel de 3x5 cm cada um. Divida-os em duas pilhas; os mesmos formarão as pilhas A e B. Divida a família em dois grupos, que você considera de igual habilidade. Pelo menos uma pessoa em cada grupo deverá saber ler. Se tôdas as crianças estiverem em idade pré-escolar, é necessário jogar com elas.

Numere os papéis de ambas as pilhas. Depois disso, reuna-se com a turma A em um lugar onde os outros não possam ouví-los e escôlha com êles uma sentença a ser usada. A mesma deverá ter onze palavras. Suponhamos que a frase seja, "Nosso Pai Celestial nos ama e o demonstra de muitas maneiras." Marque a palavra "Nosso" no papel nº 1 e assim por diante. Depois repita o processo com a turma B, escolhendo, naturalmente, outra frase. O tesouro espiritual será o conteúdo da frase, a qual deverá trazer alguma mensagem à família.

Quando tudo isso estiver preparado, o grupo A deverá deixar a sala, enquanto o grupo B esconde (em baixo do tapête, atrás da poltrona, etc.) os seus papéis. Depois entra o grupo A e começa a procurar. A pessoa que fizer mais pontos será a vencedora do grupo. O número de pontos será o que estiver marcado nos papéis. Outra coisa a ser lembrada, é que o tempo que êsse grupo levar para achar a frase tôda deverá ser cronometrado. Após saber-se quem foi o vencedor do grupo A (se houver empate no número de pontos, o vencedor será o que achou o papel primeiro), repete-se o processo com o grupo B.

Como a caçada foi cronometrada, o grupo vencedor será o que achar a sentença mais ràpidamente. O vencedor de cada grupo deverá ler a frase inteira para a família.

PROGRAMA SUGERIDO
1a. semana
Hino: Tudo é belo em derredor, n.º 126.
Oração:
PERÍODO DE ATIVIDADE FAMILIAR
Hino: De que rumo vêm os homens, n.º 91.
Oração:

2.ª SEMANA — O PAI NOS DEU O LIVRE ARBÍTRIO PARA AGIRMOS SABIAMENTE

Para conseguir êste objetivo, você deverá ajudar a família a considerar o livre arbítrio, não como concessão, mas como um grande privilégio possibilitado pelo Pai Celestial. O sábio uso do livre arbítrio pode ajudá-los a progredirem, tornando-os melhores. O primeiro passo para essa realização é estimulá-los a usar o livre arbítrio como o Senhor ordenou, quando disse: "... fazer muito de sua própria e livre vontade e realizar muito bem." (D&C 58:27)

1. *O significado de livre arbítrio*

O pai deverá dizer: Tenho um plano: vou mostrar-lhes como tomar decisões importantes. De agora em diante escolherei as roupas de mamãe; quando Roberto sair com a namorada, irei junto para ver onde vão; construirei os brinquedos de Paulo, para ver se funcionam bem e irei com êle à escola para dizer-lhe tudo o que deve fazer.

Pergunte: Como a família iria sentir-se com um projeto dêsses? Não haveria felicidade no lar e não teriam oportunidade de aprender por si próprios. As pessoas seriam como fantoches, que não conseguem fazer coisa alguma sòzinhas. Assim agindo, o pai tiraria o livre arbítrio de tôda a família.

2. *O Pai Celestial preservou nosso livre arbítrio*

Apesar de a família estar acostumada com o livre arbítrio, é necessário que saiba como usar êsse privilégio. A fim de conseguir isso, peça a um filho para dirigir êste questionário; quase tôdas as respostas acham-se em PGV, Moisés 4:

- Onde viviam nossos espíritos antes de virmos à terra? Com o Pai e irmãos em outro mundo.

- Quais os assuntos relativos à vida terrestre que foram discutidos lá, na reunião de conselho? Quem nos guiaria na vida mortal e nos ajudaria a retornar ao Pai, e de que forma isso seria realizado.

- Quem disse, "Redimirei a humanidade tôda, de modo que nem uma só alma se perca"? Satanás, vide Moisés 4:1.

- Quem disse, "Portanto, dá-me a tua honra"?

- Quem disse, "Faça-se a tua vontade"?

- Com que palavras o Pai rejeitou o plano de Satanás? "... ter-se rebelado contra mim e ter procurado destruir o livre arbítrio do homem."

Após o questionário, saliente que o plano de Satanás era errado por duas razões: 1º) desejou tirar o livre arbítrio do homem e 2º) desejou para si tôda a glória do mundo. A proposta dêle foi como a do pai que mencionamos há pouco. Você, como pai, não pode desejar fazer tudo por seus filhos. Deve ajudá-los a tomar decisões enquanto são jovens, mas quando crescerem deverão agir por si próprios. Isto é o que o Pai Celestial tem feito por seus filhos.

3. *O livre arbítrio traz bênçãos, mas também traz problemas*

O Pai compreendeu que haveria problemas quando nos desse o livre arbítrio. Sabia que quando tivéssemos de escolher, talvez o fizéssemos da maneira errada. Alguns escolhem guerras, outros assassinatos, roubos, mentiras, etc.

Assim sendo, por que o Pai nos deu o livre arbítrio, mesmo sabendo do resultado? Não seria melhor evitar todo êsse sofrimento? (Deixe a família expressar seu ponto de vista; depois esclareça:)

- Se o Pai dirigisse nossas vidas como se fôssemos marionetes, se todos os nossos movimentos dependessem de sua vontade, não teríamos qualquer oportunidade e, no fim da vida, teríamos tanta maturidade espiritual quanto no comêço.

- Dando-nos o livre arbítrio, o Pai mostrou seu amor por nós. Apesar de ficar bastante aflito quando abusamos dêsse privilégio, o Pai não deseja privar-nos dêle.

4. *Os mandamentos restringem o livre arbítrio?*

Somos realmente livres, apesar de termos as leis da terra, normas do lar, da escola e os mandamentos do Senhor? (Deixe a família expressar sua opinião, depois continue:)

- Se todos agissem do modo que lhes agrada, ninguém teria liberdade.

- O nosso arbítrio possibilita-nos obedecer ou não; entretanto, devemos estar preparados para arcar com as responsabilidades, se resolvermos não obedecer.

- Quanto mais desobedecemos os mandamentos, menos livre arbítrio temos, pois mais nos aproximamos de Satanás.

5. *Devemos fazer muitas coisas segundo a nossa vontade*

Apesar de o Pai nos dar os mandamentos, cuja obediência é essencial para a nossa liberdade, Êle não deseja que o obedeçamos meramente. As instruções que nos deu sôbre o assunto acham-se em D&C 58:27-29. Peça para a família ler em voz alta, omitindo a última sentença do versículo 28.

6. *Jesus nos ensinou a agir segundo nossa vontade*

Jesus disse certa vez, "E se qualquer te obrigar a caminhar com êle uma milha, vai com êle duas." (Mt. 5:41)

Naquela época, os soldados romanos dominavam a Palestina e eram odiados pelo povo. Com freqüência um soldado ordenava a um cidadão que carregasse seu pesado equipamento por longo tempo e a pessoa tinha de obedecer. Vocês já imaginaram o que pensou o povo quando Jesus disse as palavras acima? Jesus não quis dizer que o povo carregasse o equipamento dos romanos por duas milhas, mas foi o modo de se expressar para que usassem seu livre arbítrio fazendo mais do que o ordenado — mais do que os outros teriam direito de pedir. Para complementar êste tópico, leiam Mt 5:39-42. Jesus, durante sua vida, fêz mais do que o exigido dêle e no fim deu sua vida por nós. Leiam João 10:17-18.

7. *Como aprender a usar o livre arbítrio*

Pergunte: no lar fazemos apenas coisas essenciais e obrigatórias? De que modo uma pessoa lavaria os pratos se estivesse sendo obrigada? Durante esta semana os familiares deverão propor-se a fazer pequenas tarefas sem que sejam solicitados; procurar fazer pequenas gentilezas uns aos outros. Para que a designação seja executada com mais animação, crie o "Clube da Segunda Milha": Para tanto, arranje alguns cartões e escreva:

> Clube da Segunda Milha
> Certificado
> ..... é membro dêste clube e, de acôrdo com as possibilidades, fará suas designações sem que precise ser lembrado e tentará fazer alguma gentileza não exigida.
>
> .....
> (ass. do pai)

O certificado poderá ser carregado no bôlso ou colocado no quarto da pessoa. Os adultos também deverão participar. Os pais cujos filhos estão casados, poderão fazer surprêsas e gentilezas um para o outro e também para netos, amigos, vizinhos, etc.

PROGRAMA SUGERIDO

2a. semana
Hino: A alma é livre, 72.
Oração:
Poesia: Sôbre tem caipira.
Lição:
Objetivo: Inspirar a família a usar o livre arbítrio, ajudando outros em assuntos que estão fora de suas possibilidades.
Memorização: D&C 58:27-29.
Atividade: Dar uma volta pelo quarteirão.
Hino: Doce é o trabalho n.º 125.
Oração:
Lanche: Pinhão cozido.

3.ª SEMANA — ATRAVÉS DOS ERROS APRENDEMOS A FAZER ESCÔLHAS ACERTADAS

Inicie a lição dizendo que o Pai Celestial não se volta contra nós quando cometemos erros, apesar de não apreciar nossa atitude. Êle continua a nos amar e deseja guiar-nos para que cresçamos e nos desenvolvamos.

Durante a semana você teve a oportunidade de verificar quem realmente tentou andar a segunda milha por vontade própria. É provável que cada qual tenha tido sucesso em algumas coisas e falhado em outras. Mencione um incidente qualquer ocorrido nesse ínterim, onde um familiar caminhou a segunda milha quando teve pela frente uma tarefa difícil de executar.

Depois deixe cada um expressar como se sentiu quando fêz coisas acertadas segundo sua própria vontade e qual o sentimento que teve quando fêz algo errado.

1. *Todos erramos, mas devemos esforçar-nos para fazer sòmente o certo*

Peça a um familiar para ler I João 1:8 e depois explicar o que significa. Esclareça que ainda não somos perfeitos e por isso erramos algumas vêzes.

Escreva num papel ou gráfico: "Fazemos escôlhas erradas algumas vêzes." Parece ser mais fácil fazermos o errado em vez do certo. Use qualquer incidente ocorrido na família para ilustrar melhor êsse ponto.

O Pai nos enviou à terra a fim de progredirmos e nos aperfeiçoarmos gradualmente, até nos tornarmos como Êle.

2. *Aprendendo através dos erros*

Quando erramos, podemos ser conduzidos a repetir o êrro ou a não fazê-lo mais. Isso depende da atitude da pessoa. Na maioria das vêzes, um êrro torna-se o degrau que subimos na escada da experiência e passamos a fazer coisas certas. Conte histórias ocorridas em sua família, que ilustrem êsse ponto mais efetivamente.

3. *O Pai nos ama quando fazemos coisas erradas?*

A seguinte história demonstra como o Pai continua a amar as pessoas que cometem êrros e deseja vê-las arrependidas e de volta a Êle:

Há muitos anos atrás, viviam na cidade de Nínive cêrca de 120 mil pessoas. Como não tinham aprendido lição nenhuma dos erros praticados, êstes as conduziram a pecados maiores. Apesar disso o Senhor as amava e desejava ajudá-las. Assim, enviou o profeta Jonas para exortá-las a viver os mandamentos. Jonas lhes transmitiu o que foi ordenado pelo Pai, dizendo que se não ouvissem a admoestação, seriam destruídas dentro de quatro dias. As pessoas acreditaram em Jonas. O rei promulgou um decreto, obrigando todos a jejuar, abandonar os maus caminhos e "clamar fortemente a Deus." Todos obedeceram e isso agradou a Deus; como seus filhos começassem a viver em retidão, a cidade não foi destruída.

Relembre a família sôbre as histórias que Jesus contava para mostrar que o Pai continua a nos amar, apesar de cometermos erros. Peça para abrirem a Bíblia em Lucas 15; antes de lerem, explique o seguinte: os publicanos e pecadores aproximaram-se de Jesus para ouvir seu discurso. Os publicanos não eram apreciados pelo povo porque coletavam impostos e suspeitava-se de sua honestidade. Os fariseus e escribas, que se julgavam justos e superiores diziam de Jesus, "êste recebe pecadores e come com êles." Então Jesus contou-lhes uma história (Leia Lucas 15:4-7). Isso nos ensina a respeito do amor do Pai. Escreva no gráfico, "O Pai nos ama, mesmo quando agimos errado."

4. *Somos perdoados do êrro cometido sòmente quando paramos de fazê-lo*

Certifique-se de que os familiares compreenderam que o júbilo dos céus pela ovelha perdida não sugere que é melhor pecar do que não fazê-lo. Isto sòmente significa que o amor do Pai alcança o pecador e o traz de volta, se êste paga o preço.

Outra razão para o júbilo é que o pecador não pode ser aceito no reino de Deus enquanto continuar praticando o mal. Escreva no gráfico: "O perdão vem sòmente quando paramos de cometer erros."

Certa vez o Pres. Marion D. Hanks disse a um grande grupo de Cavalheiros e Ceifeiras: "Vocês podem limitar o poder de Deus para abençoá-los, não podem, entretanto, limitar seu amor. Êle está ansiando pelo seu sucesso. Tôdas as suas fôrças estão empenhadas em ajudá-los a voltar a Êle." (Church News, 24-4-65, p. 6)

5. *Estamos tentando aprender através dos erros*

Peça aos familiares que, um por vez, leiam e expliquem as sentenças marcadas no gráfico. Depois disso feito, pergunte: Como poderemos aprender através dos nossos erros? Eis algumas sugestões:

- Continuaremos tentando caminhar a segunda milha.
- Sabendo que nossos pais nos amam e desejam nos ajudar, iremos até êles e falaremos a respeito dos nossos erros.

Atividade:

Os familiares deverão fazer um exame introspectivo, verificando alguma coisa que estejam fazendo errado e desejem abandonar. A seguinte lista os ajudará:

- Provocar rusgas com os familiares.
- Enganar na escola ou no lar.
- Tratar algum familiar indelicadamente.
- Negligenciar a família para executar outras responsabilidades.

Depois dêsse exame interior, deverão escrever o êrro num pedaço de papel, como estímulo a que o abandonem. Poderão falar particularmente aos pais sôbre êsse êrro, se o caso fôr de natureza pessoal. Outra coisa importantíssima é que deverão falar sôbre o assunto também com o Pai Celestial.

Mantenha a designação ativa durante a semana, contando, durante o jantar, incidentes que surgirem com algum familiar que já aprendeu sua lição. Um bom exemplo é a história de Pedro, que negou conhecer a Jesus e depois chorou amargamente. É provável que a memória dessa experiência tenha ajudado Pedro a dizer isto, quando o sumo-sacerdote o advertiu para que não pregasse em nome de Cristo: "Devemos obedecer a Deus e não aos homens."

Aos pais:

Quando um filho vier falar sôbre um êrro que está sinceramente tentando sobrepujar, você precisa fazer o possível para ajudá-lo. Êle necessita da fôrça e determinação que seu amor e confiança lhe transmitirão. Se você se mostrar chocado ou desapontado, anulará a determinação dêle de sobrepujar o êrro. Isso também poderá fazer com que deixe de confiar em você no futuro.

Jôgo:

Arranje alguma vasilha ou mesmo caixa com 4 a 6 cm de abertura. Dê a cada familiar 15 feijões. Cada qual tentará jogar um grão de feijão por vez na abertura. A pessoa deverá ficar em pé, a 5 passos de distância da vasilha (as crianças pequenas poderão ter alguma vantagem, ficando, por exemplo, a dois ou três passos de distância). O que conseguir jogar mais feijões no recipiente será o vencedor. Depois do jôgo, faça a seguinte observação: Cada vez que a pessoa errava a abertura ao jogar o feijão, na outra rodada mirava com mais cuidado. E é exatamente assim que devemos agir com relação aos erros que praticamos: se mirarmos cuidadosamente, não os repetiremos mais.

PROGRAMA SUGERIDO
8a. semana

Hino: Que firme alicerce, 149.
Oração:
Esquete: Sôbre tema caipira.
Lição:
Objetivo: Inspirar os familiares a tirar lições de seus erros.
Memorização: I João 1:8.
Atividade O pai ou mãe contarão histórias sertanejas.
Hino: Para sempre exaltai, n.º 77.
Oração:
Lanche: Cangica.

4.ª SEMANA — O ARREPENDIMENTO: UMA EVIDÊNCIA DO AMOR DO PAI CELESTIAL

Durante esta lição, você terá oportunidade de ensinar aos familiares, que o arrependimento traz muitas bênçãos para suas vidas. Faça-os compreender que o Pai possibilitou-nos o arrependimento de nossos pecados porque nos ama.

Se a família constitui-se de várias crianças, não mencione a palavra "arrependimento"; deixe que elas a descubram sòzinhas. Para tanto, faça 14 tracinhos num papel e vá perguntando a cada qual uma letra, até que a palavra esteja formada. (Êste jôgo é uma variação da "fôrca".)

1. *O significado de "arrependimento"*

Peça a todos que fiquem de pé e ouçam cuidadosamente, porque irá dar-lhes um mandamento; para avisarem que podem executá-lo, deverão mover os pés. Diga, "arrepender-se;" êles ficarão embaraçados, pois não compreenderão direito. Explique que vai pedir a mesma coisa de modo diferente; diga, "dêem meia-volta." Com certeza, dessa vez êles entenderão.

Tudo isso foi feito a fim de que entendam que a palavra "arrependimento" significa "dar meia-volta." No original grego, em cuja língua o Nôvo Testamento foi escrito, com frequência usava-se "meia-volta", querendo significar arrependimento.

Ressalte que "arrependimento" realmente significa que nós voltamos para o outro lado. Por exemplo, uma pessoa que tem o hábito de dizer mentiras deve mudar completamente seu modo de agir, (ou dar meia-volta), se estiver arrependida dessa fraqueza.

2. *O Pai Celestial possibilita-nos o arrependimento porque nos ama*

O Senhor planejou que viríamos à terra para progredir. Mas para conseguirmos isso, precisamos seguir seus mandamentos. Êle sabe que isso leva tempo; não conseguimos aprender a guardá-los de uma só vez. O Senhor nos ama e deseja nos ajudar a sobrepujar nossos erros; para tanto, possibilitou-nos o arrependimento.

O apóstolo Paulo disse, "A benignidade de Deus te leva ao arrependimento." (Rom. 2:4) Essa passagem expressa claramente que, devido à bondade do Pai, somos capazes de nos arrepender.

3. *O arrependimento traz bênçãos às nossas vidas.*

O Senhor deseja que tenhamos três importantes bênçãos, as quais sòmente vêm através do arrependimento:

a. Sobrepujar nossos pecados e ficarmos livres dêles através do arrependimento. (Conte algum incidente que possa ilustrar êsse ponto)

b. Através do arrependimento seremos perdoados do pecado que praticamos.

Escolha três pessoas para lerem as seguintes escrituras: Mosiah 26:29; Isaías 1:18 e Ezequiel 33:15-16. Depois de lidas, pergunte:

Cada uma dessas escrituras, oriundas dos livros-padrão da Igreja, ensinam a mesma coisa sôbre o perdão dos pecados através do arrependimento? Qual a mensagem que os três versículos ensinam?

c. O arrependimento traz felicidade e vida eterna. Peça a um filho para ler Alma 22:15-16; se preferir, conte a história com suas próprias palavras. Depois disso feito, pergunte: O que o rei esperava ter de fazer para obter felicidade e vida eterna?

Ajude os familiares a aplicarem a mensagem apresentada por Aarão nessa passagem, em suas próprias vidas. Através do arrependimento o Pai possibilitou-nos:

A — as bênçãos que todos procuram, mas que ninguém pode comprar.

B — a maior de tôdas as bênçãos — viver com êle em seu reino.

Que grande amor Êle tem para com cada um de nós!

4. *Como aprender a nos arrepender*

Voces já deram um presente a alguém e essa pessoa o colocou de lado? Como se sentiram? Já deram um presente a alguém que o apreciou? O que sentiram?

Isso é mais ou menos o que acontece com o arrependimento: é um magnífico presente que o Senhor nos deu. A seguir, peça à família para ler as escrituras abaixo, as quais nos mostram que devemos fazer do arrependimento uma parte importante de nossa vida:

— Convidem ao rico, ao soberbo, aos humildes e aos pobres (D&C 11:9)

— O qual é o evangelho do arrependimento (D&C 84:27)

— Os pais são solenemente encarregados de ensinar a doutrina do arrependimento aos filhos (D&C 68:25)

Designação

Devido ser o arrependimento um dom maravilhoso, peça aos familiares para lerem as seguintes frases tôdas as noites desta semana, antes de irem para a cama, verificando qual frase está de acôrdo com o seu comportamento. Se possível, cada um deverá ter uma cópia das mesmas, para colocá-las em seu quarto. Antes de dizer as frases, faça esta explicação:

"Se qualquer das duas frases A servir para a pessoa, esta deverá tentar fazer melhor uso do arrependimento no dia seguinte e agradecer ao Pai Celestial por Êle ser tão bom e amoroso, que nos dá uma segunda oportunidade.

Se as frases B forem as mais apropriadas, isto demonstra que a pessoa está aprendendo a usar o arrependimento, sendo que tôdas as bênçãos decorrentes dêsse dom lhe serão dadas".

Admitindo erros

A. Eu não admití que estava errado — apesar de saber que estava.

B. Tive a coragem de, pelo menos uma vez, admitir que estava errado.

Sobrepujando erros

A. Não consigo achar um modo de melhorar minhas ações.

B. Pelo menos uma vez deixei de fazer o errado para fazer o certo.

Relembre à família para agradecer o Pai Celestial, pois Êle nos ama tanto, que tornou possível nos arrependermos e nos livrarmos de nossas faltas e erros.

"Jôgo do êrro"

Essa brincadeira visa divertir e ao mesmo tempo mostrar aos membros da família que progridem quando dizem, "cometí um êrro".

Um familiar será escolhido para deixar a sala. Os outros escolherão um objeto qualquer, cujo nome deverá ser "adivinhado" por quem está lá fora. Quando a pessoa voltar, devem perguntar o tamanho, côr, forma, etc., do objeto, sem contudo dizer-lhe o nome. Se na terceira tentativa a pessoa ainda não acertou, deve dizer, "cometí um êrro." Dizendo esta senha, a família lhe dará uma pista, até que adivinhe o que é. O jôgo poderá ser repetido quantas vêzes quiserem.

O objetivo do jôgo, como dissemos acima, é salientar a idéia de que dizer "cometí um êrro" traz benefícios que representam um passo dado pela pessoa em prol de seu desenvolvimento espiritual. Neste caso, por exemplo, os benefícios são as pistas dadas pela família, que tenta ajudar o "adivinhador."

PROGRAMA SUGERIDO
4a. semana

Hino: À glória nós iremos, n.º 158.
Oração:
Canção: Ainda sôbre tema caipira.
Lição:
Objetivo: Ajudar a família a fazer mais uso do arrependimento, reconhecendo que o mesmo é uma evidência do amor do Pai Celestial.
Memorização: Rom. 2:4.
Atividade: Dançar a quadrilha.
Hino: Dá-nos tu, ó Pai bondoso, n.º 79.
Oração:
Lanche: Pizza com guaraná.

ARTIGO DE CAPA

Pres. Hélio da Rocha Camargo

A água escachoante desce em borbotões por entre as pedras, revoluteando e saltando em cortinas e rendados preciosos, refluindo aqui, arrepiando-se além para atirar-se em catadupas que se desmancham em borrifos irisados ou se desfazem mais adiante em lânguidos coleios. O rio estourando ondas nos cachopos do leito, é um organismo vivo e doador de vida, que anda e corre e rumoreja e salta num gorgulhar sem fim. Aqui, acocorado à margem, um pescador aguarda o emocionante momento em que o peixe estira a linha e faz vibrar a vara e o coração; além, muitas braças abaixo, uma mulher que canta enquanto bate contra as pedras da margem, as brancas roupas que lava para o sustento da vida; depois são os canais que sangram da corrente principal a viva seiva que há de regar os campos, fertilizar a terra, vitalizar as plantações; quilômetros abaixo, onde o rio se afunila numa garganta de pedra, enorme barragem corta o fluxo às águas que se acumulam e espraiam em lago imenso. Domada e conduzida ao longo das tubulações, a água tempestuosa desce ao coração das turbinas gigantescas, gerando a fôrça que há de mover as máquinas do progresso, aliviando o pêso das tarefas, enchendo o mundo de luz, de som e de alegria.

Assim é o rio: um organismo vivo a encher de vida o vale em que se estende.

Mas há rios e rios. O Tigre e o Eufrates, tal como o Nilo, anos mais tarde, viram crescer às suas margens, civilizações que foram o orgulho dos homens através dos séculos. Rebanhos pastavam nos seus férteis campos, o trigo alourava em suas margens, suavemente agitado pela brisa, e as casas pontilhavam de vida a planície imensa. São rios serenos, constantes, cujas enchentes regulares, a cada ano trazem ao vale em tôrno o humus necessário às plantações.

Rezam, por outro lado as crônicas dos viajantes das regiões desérticas e ressequidas que há no globo, que também nessas áreas infelizes existem rios. Rios poderosos, largos, de águas agitadas, que entretanto não servem aos homens, porque não criam pastagens, não fecundam plantações, não movem máquinas, mas tudo destroem ao passar das águas turbulentas. O que os torna diferentes? O que os faz maléficos? Nada mais que a sua própria inconstância. Hoje, intumescidos rolam águas turvas pelo vale abaixo, levando de roldão tudo que encontram; amanhã, passada a fúria, minguam-se-lhes as águas e logo de todo secam. Seu leito se torna em uma estrada maldita onde nada medra e ninguém trafega. Sòmente o sol se faz presente, cresta-lhe o vale, ressecando-lhe as margens, até que novas tempestades lhe restituam as águas, que virão rolar mais uma vez impetuosas, porém desprovidas do poder vitalizante. Nelas não se criam os insetos, nelas não se desenvolvem os moluscos, nelas não nadam peixes, nem se vêm dessedentar os animais. Tampouco trazem o limo fertilizante para as margens, mas ao contrário, lavam da superfície dos campos o pouco humus que encontram, lançando-o além, inútil e maldosamente no mar. Não movem máquinas, não promovem progresso, não criam felicidade e a diferença reside na sua inconstância, na incerteza com que os homens olham para o seu vale, conjeturando se terão alí no dia seguinte apenas uma estrada estorricada ou borbotões de água que tudo arrastam no seu turbilhão maléfico. Ninguém nêles pode confiar e porque instáveis e inconstantes, são também amaldiçoados em si mesmos e incapazes de vitalizar a Natureza.

Talvez pensando nisso foi que uma poetiza brasileira anos atrás extravasou seus sentimentos cantando assim: "Água corrente, água corrente, o teu destino é igual ao destino da gente." Se formos constantes, cheios de vida espiritual, dignos de confiança, prontos a vitalizar e abençoar as vidas de nossos semelhantes, então seremos como um rio vivo que rola águas abençoadas pelo vale da existência.

Se nossa vida fôr incerta e inconstante, nosso falar dúbio e o pensamento errático, as afeições de curta duração e os esforços nobres de pouco fôlego, havemos de ser como os rios malditos, cujas águas não vitalizam o vale sêco e miserável da peregrinação terrena.

"Água corrente, água corrente, o teu destino é igual ao destino da gente."

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
CEB
IJCSUD